

Gravação: DdG161_Ciência no Teatro

Duração do Áudio: 01:49:00

Legenda	
(-)	Comentários do transcritor
(00:00:00:00)	Marcação do tempo onde inicia a fala
[inint] [00:00:00]	Trecho não compreendido com clareza
Ahãm, uhum	Interjeição de afirmação, de concordância
Ãhn	Interjeição de dúvida, de incompreensão, ou pensando
Hã	Interjeição que exprime que o interlocutor aguarda a continuidade da fala da outra pessoa
Tsi-tsi	Interjeição de negação
TEXTO EM CAIXA ALTA	Palavra ou expressão pronunciada com ênfase
Hífen	Palavra dita de modo silábico
Orador A	Narrador
Orador B	Não Identificado
Orador C	André
Orador D	Natália
Orador E	Reinecken
Orador F	Beto
Orador G	Rafa

Orador A: Este episódio é patrocinado pela parceria entre o Dragões de Garagem e o Podcast Trabalho de Mesa. O Trabalho de Mesa é um projeto realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.

Orador B: Você está ouvindo Dragões de Garagem.

Orador C: Estamos começando mais um episódio do Podcast Dragões de Garagem e de Itajaí, aqui é o Andre e quando eu fiz teatro, a gente não tinha muita ciência, não.

Orador D: Ó. Aqui de BH é a Natália e hoje eu sou espectadora. Aqui vai ser tipo aqueles teatros interativos, sabe? Que o público pode falar muita merda, mas é imprescindível, então, tô aqui nesse papel.

Orador E: Aqui é o Reinecken, diretamente de Vancouver. E eu aprendi ouvindo os episódios dos Dragões de Garagem que xingar alguém de fascista pode ser anacrônico.

Orador F: Aqui é o Beto de São Paulo. E eu não sabia que eu ia ter que falar uma frase, mas o que eu aprendi fazendo teatro é que eu tive ciência que eu não sabia fazer teatro.

Orador G: Bom, e aqui é o Rafa também de São Paulo. E é muito legal fazer teatro com ciência e com inconsciência também.

Orador C: Muito bem, ouvintes draconianos. Hoje, a gente tá com vários convidados de alto garbo e elegância. Não sei se a gente pode falar essas coisas.

Orador F: Pode, pode.

Orador C: Pra gente conversar um pouquinho sobre algumas intersecções, sobre teatro e ciência, ciência no teatro, coisas do tipo. É... aproveitando que a gente já gosta de falar um pouquinho sobre... a gente teve episódios pra falar sobre essa relação de arte e ciência. E... e essa relação entre como a gente pode pensar a arte e a ciência como dois complementares e como a gente pode trazer isso pro público e talvez aumentar o engajamento, conhecimento de ciência e também se entreter ou ficar reflexivo com essas questões estéticas e... né? Das características da arte. A gente tem três convidados, né? Como eu falei no início. É... um deles vocês provavelmente já conhecem, já participou aqui uma vez, né, Reinecken?

Orador E: Já. Já participei uma vez com o episódio de ciência e arte e arte na ciência. Há muito tempo atrás. E, na verdade, também participei em parte da inauguração do Trabalho de Mesa.

Orador C: Exatamente. Fala um pouquinho do Trabalho de Mesa.

Orador E: Então, o Trabalho de Mesa é um... acho que é o único, talvez o primeiro e talvez o único Podcast de teatro, exclusivamente de teatro da podosfera brasileira. Pelo menos, eu vivo falando isso em todo lugar que eu vou pra ver se alguém fala: "Mentira, existe outro". E aí aparece, porque eu nunca encontrei, na verdade. A gente tá meio sozinho, que a podosfera tem um monte de cultura pop, tem bastante coisa de ciência, ainda bem, né? Mas não tem nada, nunca achei nada sobre teatro. Então, nasceu dum grupo de teatro que eu tenho La em Brasília, né? A gente tem um grupo aí que tem... não sei quantos, uns quinze, dez anos, eu já não sei mais. Mas a gente fazia muitas... muitos projetos que sempre envolvia vídeos, sempre envolvia, é... gravações. Eu tenho um background de gravação de áudio e edição de vídeo. Sempre trabalhei com isso, então eu sempre socava essas coisas nos meus espetáculos de teatro, sempre fazia análises, é... conversas, coisas gravadas, né? Pra ter material pra editar. Aí, um dia, a gente meio que resolveu: "Cara, vamos... vamos fazer isso virar um programa de teatro na internet. Tipo um talk show ou um programa que seja, assim, pra falar sobre teatro no Youtube". E aí a gente criou um canal e fez um projeto chamado Trabalho de Mesa,

né? Que é o... é o nome que se usa, que é uma tentativa de fazer uma piada, né? Que é o nome que se usa quando a gente vai fazer um estudo... um estudo, né? Antes de montar o espetáculo, né? A gente chama essa fase de trabalho de mesa, né? A gente se junta com os atores, diretores e figurinistas e tal e faz um levantamento estético, político, social do quê que o espetáculo tem, quais são as cores que vão ser usadas, público-alvo, enfim, toda essa parte de pré-produção, a gente, carinhosamente, chama de trabalho de mesa. Então, a gente resolveu dar o nome desse programa de Trabalho de Mesa. Criamos um... um... uma sequência de vídeos, acho que dois anos no Youtube. E aí a gente tava lá fazendo nada de sucesso, porque ninguém se importava com isso. É... a gente chegou à conclusão que talvez fosse legal fazer isso em formato de Podcast porque a gente ficava fazendo vídeos de, tipo, quarenta minutos, cinquenta minutos, uma hora. E aí não funcionava na hora de editar e tal. E aí a gente chegou à conclusão: “Vamos montar um Podcast mesmo”. E aí o Luciano convidou a gente pra vir aqui pro... pro Dragões de Garagem. A gente tá aqui nessa casa maravilhosa já tem dois, três anos? Que a gente tá aí na quinta temporada, fazendo teatro anualmente, quase... quase de quinze em quinze dias, é... falando de teatro na internet para todo mundo.

Orador C: E a gente adora ouvir. E muito bom ter... ter você aqui na nossa... no nosso ladinho agora.

Orador D: Pois é, pois é.

Orador C: Da garagem.

Orador E: Pois é. Nem... nem tenho roupa pra tá aqui, gente. Que isso.

Orador C: Bom, e aí eu vou pedir agora pro Beto e pro Rafa se apresentarem também, falarem um pouquinho de por quê que eles estão aqui.

Orador F: Eu sou o Beto, eu sou psicólogo e mentalista. Eu e o Rafa, a gente se conheceu na faculdade quando a gente... os dois, a gente cursava Psicologia juntos aqui em São Paulo. E a gente tinha alguns interesses em comum e a gente foi descobrir isso conforme a gente foi conversando e um deles era mágica. A gente, desde moleque, desde adolescente, cada um na sua... na sua infância, tal, a gente tinha esse interesse por fazer mágica, por descobrir os truques e por entender mais como é que funcionava essa... essa forma de arte, né? E aí, curiosamente, a gente foi se encontrar na faculdade de Psicologia e a... além, né, de toda... o desejo por estudar e seguir carreira dentro da Psicologia, a gente carregava essa pulga atrás da orelha de como que a mágica, ela poderia, de certa forma, tá presente, né, no... no nosso dia a dia e meio que também ajudando a gente a expressar um lado artístico e uma coisa que cada um tinha de um jeito e... mas sempre quis expressar de alguma forma, né? Então, a gente, na verdade, começou a fazer alguns... algumas brincadeiras, então desde a época da faculdade a gente se encontrava e fazia... montava um show juntos, bolava números, bolava coisas que a gente apresenta lá na faculdade mesmo, né? A semana da Psicologia, né? Então, tinha umas... uma série de atrações. E a gente ia lá de cara de pau e fazia lá as nossas coisas. E... e era superdivertido, era... era muito legal. E aí o que aconteceu é que tudo... a vida foi passando, aí cada... aí a gente se formou, cada um foi pra um lado. Eu fui trabalhar com... com consultoria de... e voltada mais pra... pra desenvolvimento, né, de RH. O Rafa depois fala mais com

calma, mas ele foi trabalhar com educação. E aí, muitos anos depois, a gente decidiu se encontrar de novo pra montar um projeto que a gente realmente conseguiu entender o quê que era que a gente queria fazer, assim, que era, de certa forma, popularizar e trazer os conceitos e algumas reflexões do mundo da... da Psicologia pro público em geral, mas entrando por uma porta que não era a porta da... da divulgação científica tradicional, né? Então, a gente foi pra ma veia mais artística de provocar reflexões, de trazer discussões mesmo pra... pra... pro público dentro do teatro, mas usando toda a temática e todo o texto, todo o roteiro, enfim, tudo construído em cima de ideias da Psicologia. E foi aí que surgiu a nossa... primeiro, a gente fez um... um piloto que foi em dois mil e dezesseis que chamava Mistérios da Mente. Então, a gente fez um... construiu um texto e um... um roteiro onde a gente fazia experimentos psicológicos. E eu tô fazendo isso entre aspas aqui, tá? Vocês não tão vendo, mas... então, experimentos que, na verdade, são truques, né? E a gente... em nenhum momento, a gente deixa de falar isso pras pessoas, o que a gente tá fazendo lá truques, né? E a gente mistura ou mentaliza a... a mágica com os temas da Psicologia, mas, ao longo dos experimentos, a gente foi... vai provocando nas pessoas essas reflexões de como é que a gente faz escolha, o que mobiliza o nosso comportamento, da onde vem as nossas preferências, quanto que o livre arbítrio existe ou não existe no nosso dia a dia. Enfim, coisas até mais simples pra coisas mais profundas, mas que a gente leva de um jeito mais leve. E lá de dois mil e dezesseis pra cá, a gente acabou recriando, né? O Mistérios da Mente, ele... ele rodou durante um tempo, foram algumas sessões. E a gente fez uma pausa porque deu supercerto. A gente fez uma pausa estratégica pra poder reestruturar e trazer ele pra um teatro maior, com uma outra configuração que foi o Inconscientemente que é o espetáculo que a gente tem agora em cartaz e a gente tá desde de fevereiro de dois mil e dezoito, então vai fazer um ano e três meses agora, é... que tá rodando em cartaz uma produção independente minha e do Rafa com pessoas que foram se juntando à gente, parceiros, pessoas queridas que foram aparecendo e foram querendo fazer parte. É... enfim. A... a gente da podosfera, inclusive, é... é... o pessoal do Naru Hodo que... que desde o início acompanhou a gente, o Ken Fujioka, o Altair e... vocês depois que também foram super... né, abertos pra também, é... a gente se conhecer melhor e falar sobre o espetáculo. Então, a gente teve muita sorte de conhecer pessoas muito legais que... que foram vendo o valor nisso e ajudando a gente a... enfim, a seguir. E aí... e aí tamo... tamo firme e forte aí, né? No projeto. É isso aí.

Orador C: A ideia da gente discutir um pouco sobre essa questão de trazer a ciência pro teatro parte de algumas reflexões, percepções ou preocupações que vocês ouviram dos nossos queridos convidados aqui já no início. Mas acho que antes a gente podia falar um pouquinho de o que é o teatro, como é que começou o teatro, o quê que existe por aí. Acho que o Reinecken pode nos ajudar.

Orador E: Então, lá na Grécia Antiga...

Orador C: Muito bom. Já mostra que é da casa.

Orador D: É.

Orador E: Essa análise, essa conversa sobre o... a importância, as linguagens ou o próprio

teatro na relação na história da humanidade, né? Intrinsecamente, até ligada ao nosso próprio Podcast, o... o Trabalho de Mesa. Foi uma questão que eu sempre bati, assim. A dificuldade de você trazer público hoje pra dentro do... das casas de espetáculo, pra quem vive financeiramente, única e exclusivamente do teatro, né, que precisa ter públicos cheios sempre ou precisa vender seus projetos, ela sempre enfrenta, né, a dificuldade sempre tá dialogando direto com o lance da fama, né? Assim, do... do tanto que as pessoas querem ou não querem assistir. Você... é claro que se você pegar exemplos como Paulo Gustavo, grandes... grandes artistas globais, né, eles conseguem sempre atrair muito público, né? Mas o pequeno produtor, o... o grupo pequeno que faz um projeto autoral, que não faz um espetáculo sobre a Disney que vai atrair um monte de pais levando as crianças, mas faz um espetáculo superautoral, ele vai... ele tem uma dificuldade gigante de... de um preconceito, né, uma ideia equivocada às vezes que o público em geral vai ter sobre o produto artístico cênico, teatral, mas ele também tá carregada dessa historicidade que o teatro carrega e tem, né, ao longo da... da história humana, né?

Orador C: Aham.

Orador E: Porque, se você for analisar historicamente, mesmo até na Grécia Antiga, mesmo fora de brincadeira, o teatro sempre foi utilizado pelo Governo ou pelos Governantes em duas esferas: ou eles aderiram completamente e moldavam o teatro pra vontade do próprio Governo ou eles... eles criticavam o teatro, escorraçavam o teatro a ponto dele ficar proibido, né? Sendo que teve alguns períodos da história da humanidade que o teatro chegou a ser proibido, chegou a ser considerado uma coisa muito errada, muito equivocada. E eu acho... e aí eu não sei exatamente, talvez esteja muito atrelado com a questão da psicologia humana, porque quando você assiste a um filme ou assiste uma novela ou assiste uma coisa que é cênica, mas existe uma distância clara entre você e o cara que tá fazendo, a... a mulher que tá apresentando a cena, existe uma distância confortável e existe um impacto do público, né? O público fica impactado com o filme, de verdade, né? Mas quando esse mesmo impacto, essa mesma proposta tá no mundo cênico teatral, que é ao vivo, você ali sentado numa cadeira metros de distância e o cara tá fazendo uma determinada cena de emoção, eu não sei exatamente o que acontece, assim, psicologicamente, né? Mas existe, cara, muito claramente pra quem trabalha na... na área, assim, uma conexão outra, uma percepção outra que deixa o público num lugar muito vulnerável, às vezes, e muito aberto, sabe? Muito, muito aberto mesmo pra você inserir determinadas informações. Então, ao longo da história, os Governantes mais inteligentes, quando percebiam isso, quando falavam: “Olha, teatro é uma... é uma arma, cara. O teatro pode ser uma arma de manipulação da... da humanidade. A gente pode decidir a nossa sociedade através dos produtos artísticos cênicos que a gente consiga colocar”. E aí eu posso falar de música que seja apresentável, dança e qualquer coisa que seja o contato humano, né? Ali, a pessoa fazendo ao vivo. E, ao longo do tempo foi se construindo isso. Teve um período grande na Idade Média, principalmente os canovaccios, a Commedia Dell Arte, um pouco antes da Commedia Dell Arte, na verdade. Você teve a Igreja proibindo o teatro de fazer porque as pessoas entendiam aquilo como uma forma meio potente mesmo, assim. Eu não sou um historiador, acho que teria que ser um historiador pra falar exatamente. Eu estudei bastante História do teatro, já dei muita aula de História do

Teatro, mas eu sempre me afastei muito do lance da... muito acadêmico do teatro porque eu vivi a vida toda no palco mesmo, assim. A minha vida toda foi atuando mesmo, sentindo. Então, eu sei dizer isso dessa percepção. Quem estuda teatro, tem uma percepção da história diferente. Eu dava aula no ensino médio e os alunos que faziam teatro fora da escola, né, em... em grupos de teatro, eles aprendiam as respostas na prova. Uma prova de história, o aluno respondia coisas que você falava: “Cara, como que ele... como que ele pegou essa informação?”, assim, sabe? Por exemplo, eu me lembro de uma história... pra contar uma anedota rápida. Eu tive... tava falando sobre Grécia Antiga no ensino médio lá na... no segundo ano do segundo grau. Na resposta de um aluno, estava assim: “Um dos legados maiores que a gente pode dizer, embora não seja diretamente relacionado, é a sensualidade que Atenas e a Grécia deixou presente pra... o público brasileiro”, não sei o quê. O cara tentou dar uma resposta, assim, meio abstrata, mas falando da sensualidade. Aí eu fui e... “Por que você tá falando da sensualidade?” Aí ele falou que tava lendo peças de teatro grega e... e... e senti que tinha muita coisa erótica, de verdade, assim, sabe? E é uma percepção, né, de conhecimento que o cara só consegue se o cara for fazer teatro, se ele teve que vivenciar aquele personagem, né? Ele vivenciou aquelas falas que foram escritas no ano quatrocentos e tanto antes da era comum, sabe? Ele decorou essas falas, ele vestiu um figurino, ele se transforma, né, em partes daquele... daquele objeto. E, de alguma forma, isso absorve na informação. A informação fica mais facilmente absorvida por ele. Então, ao longo da história, né, o teatro foi sendo muito utilizado como arma e... e muito também utilizado como terapia, né, ao longo do tempo também porque ele tem essa... essa... esse vínculo, assim. Não sei se eu falei demais ou falei bobagem, enfim. Vocês [decidem].

Orador G: Não, nem demais, nem bobagem.

Orador C: Queria complementar com algumas coisas. Para quem está fazendo teatro vivenciar, ele vai além do texto, né? Daquilo que tá escrito no papel. Ele consegue experimentar aquelas situações ou aquelas propostas cênicas, né, que... e isso dá um outro entendimento que a gente vai ter sobre as coisas, né?

Orador E: Sim.

Orador C: Pelo menos, quando... na minha experiência de teatro, a gente tinha muito essa questão de se colocar no lugar e... e pensar, é... e pensar como aquilo tocava o outro, o que o outro tava respondendo, todas essas características, né, de como faz a construção cênica. E eu acho que isso tem toda essa questão de mobilização de estar naquele lugar, fazer aquelas coisas.

Orador E: Uhum.

Orador C: E eu acho que isso tem a ver também com o que você tava comentando da... de como a plateia sente isso diferente, né? Eu acho que a proximidade física, ela faz essa diferença, porque por mais que a gente consiga compreender que aquelas imagens na... na televisão ou no cinema são outras pessoas, a gente consegue se relacionar com elas...

Orador E: Uhum.

Orador C: ...mas quando a gente tá presente no mesmo espaço, essa relação é completamente diferente.

Orador E: É, e, às vezes, vai pra um lugar meio impalpável, cara. Eu... eu assisti um espetáculo que eu não lembro o nome mais. Eu sempre uso esse espetáculo como uma referência, assim, de punk rock que aconteceu na minha vida, porque foi um espetáculo de um grupo de Minas Gerais, eu acho. É... eu não lembro o nome, foi no Festival em Brasília há muitos anos e era sobre o rinoceronte. E ele falava sobre o absurdo da realidade. Era meio que esse o tema do espetáculo, sabe? E aí tinham vários personagens que eles tinham muitos problemas psicológicos, sabe? Tinha um cara que tinha uma doença crônica de procrastinar as coisas, então ele não saía da cena. E aí ele... o ator interpretava de um jeito de ficar num determinado ponto específico da... da... do palco, na porta, com a mão na maçaneta de uma porta. Durante uma hora, o espetáculo, o garoto ficava lá, sabe? Tremendo e tal. E aquilo, cara, me deu uma coisa sobre pensamento de procrastinar como eu nunca vi nada igual. A sensação física de me sentir mal e incomodado fisicamente com a procrastinação do outro cara me fez sair dali imediatamente e começar a limar as minhas... as minhas listas. Eu falei: “Cara, eu não faço mais lista, porque ficar fazendo lista é pra fingir que eu tô fazendo coisa. Eu vou começar a fazer as coisas. Eu não vou fazer mais lista, não”. Eu tava, assim... eu saí dali com sangue no olho, sabe? E eu me lembro de uma cena específica que rolou uma... um monte de coisa no espetáculo. Maluco, totalmente abstrato, nonsense. E aí tava uma loucura, todo mundo gritando, tinha uma lama no chão e o povo varrendo a lama. E uma gritaria e uma música e aí, de repente, a mãe do personagem mãe começa a gritar assim: “Para, para, para”. Todo... aí ele olha pra plateia e fala: “Todo mundo tem que, é... lidar com o que tem que lidar”. E aí ela falou essa frase uma... sem brincadeira, uns dois a três minutos. Sem parar, olhando pra gente, com a luz do serviço acesa. “Todo mundo tem que lidar com o que a gente tem que lidar. Todo mundo tem que lidar com o que a gente tem que lidar . todo mundo...” Ela ficou, cara. Ela ficou, ela ficou.

Orador C: Sim.

Orador E: E aí chegou uma hora que tava na plateia, um monte de gente chorando, assim, sabe? Porque as pessoas foram se dando conta... porque elas ouviram aquilo e foram pensando nas suas próprias coisas e... enfim, o teatro tem essa coisa, né? Se você sabe bem, construir bem, você mexe com uma outra lida porque você tá ao vivo, né, presencial, assim. Então, é... é bem potente, né, nesse sentido.

Orador G: Eu pensei que quando a gente vai num lugar onde alguém tá se expondo, né? Tá num lugar de destaque. Ela tá pondo algo a perder, né? É o contrário do anonimato da internet, praticamente. Quando a gente tá nessa posição de destaque em cima do palco e as outras pessoas tão em volta pra assistir, tem o elemento de risco, né, por conta disso, que faz com que todo mundo seja levado a olhar pra essa pessoa com um grau de... eu não sei se respeito, exatamente, mas, assim, é uma atenção maior, porque você sabe que aquela pessoa tá ali de fato, né? Então, é diferente do cinema. E, de novo, não há... acho que são formas diferentes de fazer arte, pode ser tão catártico quanto e pode levar até a reflexões tão poderosas quanto teatro e... e, bom, e... e artes plásticas e etc. mas como no circo, eu pensei

muito quando a gente vê aquelas pessoas fazendo... um trapezista ou... tem muito dessas... pessoa que sobe em tecido, né? Faz a acrobacia em lira e tal e que tem um... um elemento, você fala: “Bom, pera aí, e o que aconteceria se essa pessoa tombasse, né? Se essa caísse lá de cima no... no tablado e... nossa, será que essa pessoa se machuca de verdade?” E óbvio que sim. E aí você tá olhando uma coisa que, como você acabou de dizer, por isso que me veio tão... tão rápido essa... essa reflexão que é a coisa do... putz, eu... eu tô presenciando algo que e se der errado, sabe? E... e isso faz... e pode ser m erro, né? Eu... eu usei a metáfora... na verdade, o exemplo do circo mas é isso. Será que aquelas frases que tão sendo faladas ali tão... são passíveis de erro? E se a pessoa esquece, né? Todo mundo tem problema de esquecer algo que era importante e que não podia ser esquecido. E se a pessoa esquece lá a fala dela na frente de todo mundo? O que será que... o quê que vai acontecer, né, com essa peça? Então, o teatro tem essa coisa de não ser ditada que dá... traz esse elemento vivo e que nisso, acho que tem até uma certa... uma... uma... uma compaixão, cria uma compaixão, uma cumplicidade entre as pessoas da plateia e as pessoas do palco. E isso eu acho que é diferente do... do... essa é uma diferença entre a linguagem do teatro e a do cinema, por exemplo. e é essa cumplicidade faz... torna a plateia muito viva, sabe?

Orador C: E isso, geralmente, quando a gente ouve falar de teatro, a gente ouve um pouco essa... a gente vê, pra quem já foi ao teatro, né, a gente vê coisas diferentes, né? Então, peças que são completamente diferentes da... das outras. Ou até a gente pode se perguntar, o contexto de circo pode ter uma peça teatral? Pode acontecer alguma coisa de teatro ali dentro. É... como é que funciona essa questão das linguagens de teatro?

Orador E: É uma pergunta vasta, né? Então, assim, é a própria história da humanidade mesmo, né, assim? A... o teatro, a... a expressão artística cênica até, ela tá muito atrelada à... às manifestações religiosas, né? Dizem até que... que é o Téspis, um dos primeiros caras lá na Grécia Antiga que faz um... acho que é Hipócrese o nome da... da coisa que ele faz, ou o nome do ator primeiro, sei lá. É... aí teria que chamar a Tupá pra vir aqui falar isso. Mas... que eles... que eles têm essa coisa de... de fazer um ritual pra se reconectar com... com as divindades. E aí, é... um deles, né, se... se desloca desse coro e começa a se fingir ser quem você não é, né? Que é essa coisa da hipócrise de você dizer que você é uma coisa que você não é, né? Tipo, eu sou fulano. Sou eu o fulano. E aí as pessoas começam a tratar ele como o outro, né? Ele começa a se tratar como outra pessoa. E aí ele começa a interpretar essa outra coisa. E isso é de uma potência intelectual, talvez, mental, digamos assim, na percepção dos seres humanos de perceber e ver a outra figura fingir ser uma outra figura, sabe? E isso ser aceitável e lógico na nossa cabeça, como as crianças fazem isso de brincadeira, né? Que as crianças tão com muita facilidade, né, de fazer isso. Se você tem criança em casa ou brinca com criança, você percebe que ela consegue se deslocar do ego... não sei dizer, aí você vai ter que me corrigir, André. Mas se ela consegue deslocar dela... do... do eu dela, digamos, e fingir que ela é um outra coisa, isso é de uma potência e de uma... deve ter atingido uma... uma sinapse na cabeça do povo, o povo deve ter olhado e falado: “Eita, poxa, o quê que é isso, cara?” Né? E aí ao longo... ao longo da história toda, isso vem sendo manipulado, utilizado, revisado, né, moralizado também, né? Então, teve momentos do período, principalmente na Grécia, lá em trezentos e tantos antes da era comum que o Estado decide:

“Ó, pra ser teatro, pra ser arte...” Aristóteles é um dos principais com a poética, né? Que decide a tragédia pra ser tragédia tem que ter o formato de um dia, tem que ter uma ação sobre um personagem, pra tentar dizer com que outras pessoas que queiram se manifestar dessa forma também tenham presos a essa linguagem pra ser manipulado dentro, né? O que é... é claro que a gente vai estudar Grécia hoje, você não vai achar aquelas pessoas que não escreveram né? Você só vai achar quem escreveu, quem conseguiu ser registrado, quem acabou ficando famoso de alguma forma, né? E se estabelece, então, uma linguagem do teatro clássico grego antigo, né? E aí se estabelece então uma... uma linguagem de tragédia que é uma forma de expressividade, né? Segundo uma determinada regra. Se você vou andando com essa mesma nomenclatura até mais pra frente, né, o realismo, mil novecentos vai tentar retomar um pouco essa mesma ideia, né? Porque o Aristóteles era um cara que colocava lá na poética que se você deixasse as emoções do... da interpretação fosse muito livre, muito solta, é... seria o mesmo que... seria dizer que aquilo não é arte. Seria o mesmo que você pegar por emoção e jogar um monte de tinta numa tela. Porque é engraçado você ler isso.

Orador C: Né?

Orador E: Você hoje tem, né, o Poulack que é vários outros pintores que fazem exatamente isso, né? E essa é a arte deles. Então, essas linguagens, elas são em parte... e aí eu falo, de novo, eu sou artista, entendeu? Eu não sou estudioso. Então, em parte, eu acho que as definições de linguagens, é... da arte, elas servem pra facilitar o público a entender o que é que ele precisa aquilo ali, né? Eu sempre achei que linguagem era, na verdade, opção do... do grupo que cria pra definir o público-alvo, entende? Quando eu defino uma linguagem, eu... na verdade, tô querendo me referir a um determinado público, o foco é o público, embora a gente não costume pensar assim, né? Pessoal: “Eu gosto de fazer terror”. Mas quando você quer fazer um espetáculo de terror, você definiu o público que vai te assistir, né? Você define claramente. Falar: “Eu quero fazer um espetáculo infantil”. Você definiu o público. Você não define a estética necessariamente separada do que você define o público. Então... mas a gente não aprende muito isso nas faculdades. Normalmente não é esse a discussão. Normalmente, a linguagem tá atrelado como se fosse um código de informações que definem a estética daquele espetáculo, sabe? E, no teatro em especial, isso fica um pouco dúbio porque como é uma coisa física do momento, é muito difícil você dizer que o teatro shakespeariano ou o teatro elisabetano de mil seiscentos e catorze, mil seiscentos e nove, ele tinha uma... um caráter renascentista. E... e você pensar que as cenas que eles tavam interpretando seriam diferentes, de fato, de uma cena de hoje, sabe? Eu não... eu não sei até... até quanto a gente conseguir ir atrás e dizer essa coisa muito impalpável do momento que aquilo tá acontecendo se difere tanto, já que o ciúmes, a raiva, o desespero, o medo, ele, aparentemente, continua sendo o mesmo, né? Tipo, a gente continua sendo... os políticos continuam sendo corruptos e os ladrões são ladrões, os vilões são vilões, os heróis são heróis a longo da história da humanidade. Tipo, isso não mudou, sabe? Então, às vezes também definir linguagem, às vezes parece um pouco de maniqueísmo ou estabelecimento de manipulação de uma estética pra atingir um determinado público, sabe? Muita digressão, né, gente?

Orador C: É.

Orador E: Faz parte desse tipo de estudo, né?

Orador C: Muitas vezes, pra se relacionar ou pra ter aquela cumplicidade com o público, precisa esses códigos, isso que tá sendo proposto, ela precisa tá claro pra aquele público, né? E o público precisa comprar.

Orador E: É. E meio que a linguagem meio que se define com a relação do público, né? Se eu faço cena, por exemplo, no cinema mesmo, né? Que agora eu tô estudando bastante isso. Mas no cinema, se eu faço cenas em que eu ponho a câmera filmando debaixo e eu sempre ponho uma tonalidade de vermelho aí, eu quero que... na edição eu coloco um barulho tipo... eu quero dizer pro público que aquele cara é o vilão, então eu tenho essa forma meio clichê que todo mundo já meio que tá sabendo que eu vou desenhar o vilão dessa forma. E aí se eu faço uma escolha de fazer um filme, por exemplo, todo baseado na informação básica e simples que o público tem, eu acabo definindo a estética do meu espetáculo... do meu filme como caricato ou como uma comédia de costumes ou como a longo da história você teve, né? Por exemplo, na Idade Média, com a Commedia Dell Arte, por exemplo, que não foi exatamente na Idade Média, mas, enfim, perto ali de... do... do período da Idade Média. A Commedia Dell Arte era toda baseada em costumes mesmo, até porque, né, se... se... se tem notícia que os artistas, eles saíam mambembes de um lugar pro outro e, muitas vezes, cruzavam países. E os caras não eram alfabetizados, que sabiam outras línguas, sabe? Então, pra também interpretar num grupo de teatro que tem pessoas de cinco nacionalidades falando cinco línguas diferentes, era mais fácil a gente fazer coisas mais caricatas. Então, você faz o pai da noiva, porque pra explicar que você é o noivo ou amante é meio mais fácil assim, sabe? Memo mímica, três segundos você consegue explicar pra uma pessoa que não fala. Agora, explicar uma digressão intelectual sobre a profundidade da dor, da parte, do alcoolismo, tal, começa a ficar mais complicado né? Você fazer. Então... então as peças desse período, elas são... elas são mais, é... caricatas mesmo. E é também uma coisa de passar, né? Que acontecia na história da Commedia Dell Arte, o cara fazia o grande vilão, ele tinha um filho e ele ensinava as falas, as... os movimentos, passava o figurino, passava o bastião, digamos, para o filho. Então, o filho também aprendia aquilo que o pai aprendeu, que o avô aprendeu. E assim ia, né? Se foi. Até Shakespeare é um dos principais a... a... na verdade, o Molier foi um dos principais a definir isso e deixar isso registrado porque o Molier escreveu peças de teatro, academicamente, para ser apresentado dentro de salões, com base nessas apresentações de rua que existiam da Commedia Dell Arte, né? As comédias de costumes do Molier são meio que um dos melhores registros, embora seja renascentista, mas seja um dos melhores registros que a gente tem da Idade Média, assim, do Commedia Dell Arte. E o Shakespeare é meio que um dos primeiros, talvez, a fazer essa... esse psicologismo do personagem, né? A colocar personagens que sentem culpa, né? O... o Hamlet, que é um exemplo clássico, que o cara sente culpa porque... inclusive, o Hamlet tem uma cena maravilhosa que ele vê um ator interpretando um personagem grego, uma mulher grega e aí o Hamlet pergunta para si como que o ator consegue chorar, né? Como que ele consegue verter lágrimas de verdade? Sentir emoção? A gente acredita que ele é... é essa personagem, sabe? Como que ele consegue fazer isso se ele é um homem? E a gente nem sabe é, como existiu. Ele tá falando de uma coisa antiga, assim. E aí ele se sente culpado porque ele, o Hamlet, não consegue resolver a dor

dele porque ele perdeu o pai e não sabe lidar com a perda do pai digamos assim,, porque ele acha que o pai foi assassinado pelo tio. E aí tem toda a trama política. E ele não sabe lidar com aquela emoção. E ele se sente culpado porque um ator consegue chorar e... e... e externalizar a sua raiva, a sua dor através de uma cena e ele que tá vivendo a emoção de verdade não consegue. Quer dizer, isso em mil seiscentos e lá vai dinossauro, né? Um cara escreveu um texto com esse psicologismo de personagem.

Orador C: Ah, sim. E... e, inclusive, a gente discutiu bastante isso num Trabalho de Mesa, né? Sobre essa questão da... da atuação, dos papéis psicológicos. Nessa discussão...

Orador E: É, é.

Orador C: Na construção do... do personagem.

Orador E: Que é um assunto que eu... eu fico muito animado e falo muito sobre isso, sabe? De... desse lance do que é que define, então, uma... uma interpretação, né? Até onde eu sei que eu tô interpretando um personagem. até que distância na minha mente eu consigo fazer isso, porque eu já fiz personagens muito próximos de uma realidade, é... ao ponto das pessoas na plateia realmente se sentirem muito mal. De... de acharem que tão vendo uma pessoa tendo uma convulsão muito séria, assim, sabe? Num nível muito alto. Já tive, é... momentos... não que eu sou muito bom, mas porque a construção toda foi bem... bem feita, com luz, com iluminação, figurino, e tudo mais, e a pessoa dentro de um subsolo às dez da noite, sabe? Tudo indica a ela de tá ali, mas ela assistindo aquilo, aquela performance... e ela fica num desespero pessoal porque ela acha que realmente aquilo tá acontecendo, né? Essa... ela tá vendo ao vivo, né? Eu já assisti espetáculos um pouco mais pesados, assim, de tipo, cenas de estupro ou cenas de violência que eu não dava conta de ficar assistindo. Já assisti um espetáculo em Porto Alegre que depois que terminava ao espetáculo, os atores que tinham a cena de estupro e violência, a atriz e o ator, eles tinham que falar pra plateia. Tipo: “Ó, gente, a gente é casado, a gente se ama. Não tem nada. A cena é toda montada. A gente ensaiou várias vezes. É tudo falso, sabe? Para de ficar louco e tal”. Porque realmente, cara, era muito difícil acreditar que aquilo não era verdade, sabe? Porque era muito bem montado, sabe? E toda construção era feita pra enganar o público, né? Isso que é o lance, é enganar o público de achar que tá vendo uma coisa que ele não tá vendo, né?

Orador D: E, ao mesmo tempo, o público tem que comprar, né? Porque é uma... eu sou uma pessoa muito envolvida com... com teatro, com filme, com novela. Especialmente novela, eu fui criada nessa cultura. E eu me envolvo muito, né? Com... com sofrimento, com... enfim, com felicidade, com emoções e tal, e me entrego. E aquela coisa. É... mesmo quando o Reineken às vezes fala com a gente na garagem, é... sobre... né? Atuação e alguns atores ou que fizeram papel de atores, mas não... não eram atores de verdade, né? É... como eles... eles se entregam demais em algumas cenas. E eu sou a que... a que compra. E eu ouço muito, assim: “Nossa, mas é... é mentira. É uma novela, é um filme”. E eu... eu fico incomodada porque eu penso assim: “Se eu ficar com isso na minha cabeça o tempo inteiro, é só uma encenação, nada nunca vai ter graça se eu ficar me policiando”. E, realmente, é... no... no cinema, né? É... talvez seja... seja mais complicado porque tá ali acontecendo, não... não tem

edição, né? Como eu falei, é... anteriormente, e do ponto de vista de quem tá assistindo, realmente, se... se você, é... se compromete, né, em se envolver com a história, que eu acho que é todo o barato de... de assistir algo, né?

Orador E: Sim.

Orador D: É... é incômodo. É como... é como aquela cena de... de... de Doze Anos de Escravidão que ele tá enforcado na... na árvore. E ele tenta se manter e aquela cena dura muito tempo. E eu já não aguenta mais assistir aquela cena. Mas eu sabia que eu podia o tempo inteiro passar pra frente, que é geralmente o que eu faço com determinados tipos de filmes. Cena de estupro.

Orador E: Não foi ver no cinema, né?

Orador D: É. Não assisti no cinema, é claro. Mas... mas... enfim, se você assiste em casa, tal, tem... tem a opção, né? Agora, no teatro, não... não tem isso. E ou você não se entrega totalmente ou você fica abalado. Eu me coloco no... o lugar dos atores, né? Quer dizer, se eu... se eu tô abalada assistindo, imagina pra quem tá fazendo, que eu acho que, em certa medida, acaba tendo que comprar também essa... eu tô aqui.

Orador E: Eu... eu tava fazendo um projeto há muito tempo de palhaço, de visitação de palhaço em hospital, um projeto artístico de um grupo, não era um projeto social, nem nada. Tinha um cunho social, obviamente, porque a gente visitava hospitais públicos, né? E a gente foi fazer uma visitação. E é bem diferente de uma visitação de um hospital quando você pensa nos Doutores da Alegria, né? Porque eles se vestem de médico e fazem um palhaço vestido de médico que visita o Hospital da Criança, do Câncer, né? E aí aquela coisa meio asséptico, branquinho, sabe? Tudo claro. As criancinhas, aquela criança sem cabelo, sentada na cama, higiênico pra caramba. A gente fazia roots, cara. A gente ia de palhaço da nossa pesquisa de palhaço, assim, individualmente, cada um com a sua personalidade de palhaço pro hospital público com oito... quinze pessoas no chão, sabe? Policial segurando. Cara, era que, assim, era roots, rock 'n roll, sabe? E aí a gente visitou uma criança com... era eu e uma amiga minha, uma parceira. Aí a gente visitou uma criança e a criança, cara, ela ficou muito animada com a gente. Tipo, ela ficou muito, cara. Ela queria levantar da cama e ela queria sair e os... e aí teve que chamar até uma equipe médica pra tentar segurar porque ela tava tão entubada e tão cheia de coisa que ela não podia se mexer mesmo, sabe? E ela ficou animada, batendo palma. As enfermeiras tudo chorando porque, aparentemente, a menina... ela não expressava reação nenhuma até aquele momento. E aí, enfim, a gente terminou a cena, tava saindo do quarto, aí a criança desceu da cama, foi carregando, cara, bem pequena, carregando as coisas, segurou a nossa mão e olhou pra mim e pra minha parceira e falou: “Não vai embora, não. Fica comigo, por favor, não me abandona”. A criança falou essa frase.

Orador D: Caraca, meu Deus.

Orador E: E aí eu fiquei, assim, tipo, caraca, você fala: “Ah, tem que sair, tem que ir ali pra outra criança, não sei o quê”. Foi uma coisa, assim, que a gente... eu praticamente... eu pensei talvez em largar essa profissão nesse dia, assim. E a gente tinha o acompanhamento...

acompanhamento psicológico.

Orador C: Sim.

Orador E: E aí a psicóloga que nos acompanhava falou... mas foi uma conversa depois de semanas pra poder tirar essa coisa da cabeça. E ela falou: “Mas você acha que ela... que a criança pediu pra você ficar ou ela pediu pro palhaço que você tava fazendo? Aquilo que você tava representando ficar?” E aí foi essa coisa que me deu, assim, um ok. “É verdade, ela não me conhece, ela não tá... não é meu afeto necessariamente, não sou... se eu não voltar lá, não sou eu que estou abandonando essa criança, né?” Na verdade, quem abandonou foi... foi o Governo que cortou a verba e a gente parou de ir. Então, a conta... a conta do abandono não é minha, é? Porque eu tava indo. Então, assim, foi uma coisa da gente ter o acompanhamento e ter que também pensar que, às vezes, você se envolve mesmo, sabe? Mesmo que você não queira, você realmente se envolva que é você ali também, né?

Orador C: Não, com certeza. E... e... nesse contexto, principalmente, é, que é tão próximo do público, é... eu imagino que envolva, é... muito desse... desse envolvimento muito pessoal, né? Muito próprio daquilo que tá acontecendo naquele momento.

Orador E: Sim, sim.

Orador C: Isso acaba exigindo de vocês também ter alguma forma, tipo, de responder algumas coisas, né? Porque não tem como ser tudo roteirizado quando a gente tá numa relação desse tipo.

Orador E: É. Como... como palhaço, não. Como palhaço, nem tem, porque palhaço é muito diferente da atuação né? Porque o ator, ele entra, a gente tem o roteiro, os meninos tão aqui, né? Podem dizer isso bem. A gente entra sabendo meio que vai acabar de um jeito, a gente tem o... o point da piada. A gente sabe onde é que vai terminar. Tem marca de luz, né? A gente sabe onde tem que ficar e tal. Então, existe um controle, embora pareça que a gente gosta de pensar que é livre, cada espetáculo é diferente. Eu sempre falo, é, a gente adora ficar falando que cada espetáculo é um, mas a gente luta pra que ele seja igual o que foi ontem. Você fala: “Ah, eu adorei um que foi bom”, a gente faz tudo pra ser exatamente igual ao que foi bom, sabe? Então, assim, é livre pero no mucho. Mas o palhaço em si não. O palhaço, a essência de apresentação da clowneria que é bem diferente dessa história do teatro como um todo. Ele... ele é livre mesmo. É muito mais você, né? Expressividade, tal, do que... do que não você, sabe? É uma... e é uma forma que acontece também de muita exposição, assim, né? Quando você... eu já tive casos de público que na rua vieram me agredir. E olhar e falar: “Seu ridículo” e jogar coisa, porque a pessoa vê você numa expressividade de liberdade tamanha, e talvez ela se sinta um pouco mal, né? E a proposta é justamente também isso, né? A plateia olhar e falar: “Cara, como é que esse cara tem coragem de ficar andando com essas pernas desse jeito? Eu se tivesse as pernas finas igual ele, eu não ficava mostrando”, sabe? E a pessoa, na verdade, se aceita porque ela vai pra casa e olha pra perna dela e fala: “Minha perna não é tão fina quanto do palhaço que eu vi”. Então, o palhaço cumpre aquela função social também de fazer a pessoa se aceitar. Mesmo que ela não aceite o palhaço, ele tá lá pra fazer a pessoa se aceitar.

Orador D: Muito bom.

Orador C: É que isso me... me remete também a outras formas da gente interagir nesse espaço de... de teatro, não teatro, atuação, né? Vem em encontro do que os rapazes fazem também, né? O Beto e o Rafa nessa relação do ilusionismo, do mentalismo que vocês mencionaram da pessoa Inconscientemente.

Orador G: No caso de um espetáculo de mágica, tem uma diferença logo de cara, principalmente hoje em dia, quando a gente fala que é mágica, as pessoas entram dispostas a... a quebrar, né? Isso um pouco o que a Natália falou sobre essa suspensão da descrença, né? Você entra num teatro ou num filme, você fala assim: “Bom, eu não tô me importando se é um script ou se são efeitos especiais que fazem o dinossauro andar ou se o Romeu de verdade não morreu. Assim que gritaram corta, ele levantou, né, no filme, etc. Eu tô mais preocupado em viver aquela experiência”. No caso da mágica, uma vez que você anuncia que isso é um espetáculo de mágica, as pessoas, elas procuram o truque, né? Elas entram quase numa posição antagonica a quem tá lá na frente. E isso foi um desafio grande pro Beto e eu, é... pra gente conseguir vencer, assim, porque você tá lá na... você tá lá no palco e você quer convocar as pessoas pra uma viagem. No nosso caso, que a gente tinha um roteiro pensado... de novo, é... acho que é bom frisar aqui, até se vocês quiserem expulsar a gente da conversa, eu e o Beto, a gente não é ator formado, tá? A gente é psicólogo mesmo de formação e a gente fez essa... essa peça. A gente tem... a gente tem um estudo em... em improvisação, né? Mas, de resto, a gente não tem uma formação técnica de... de atores. Como a gente estruturou um roteiro que tinha... que ia fazer alguns desafios graduais pra plateia, a gente tinha que deixar o aspecto da mágica a todo tempo avisados, as pessoas tem que saber que é um espetáculo de mágico, mas a pessoa tem que ser levada... o... o... o roteiro e a... vamos dizer assim, a poética, vai, da... da arte tem que ser mais forte pra que a pessoa, em algum momento, abandone a tentativa de antagonizar com a gente. E falar: “Não, mas é tudo mentira”. Então, essa foi... esse foi um primeiro desafio que tem a ver com essa apresentação da mágica. É... como é que você conquista a plateia sem virar simplesmente um rival que tá... “Você tá me enganando, você tá tentando me passar a perna”, sabe? Esse foi um... um desafio grande que a gente teve que passar primeiro.

Orador C: É, mas essa questão da... do show de mágica, coisa assim, ele tem um que de atuação também, né? Como é que vocês resolveram essas questões?

Orador G: De atuação no sentido de performance artística?

Orador C: De performance. É.

Orador F: Essa é uma boa... uma ótima pergunta, cara. A gente já refletiu muito sobre, é... não tô falando isso pra dar aquela... aquele clássico: “Ah, é uma excelente pergunta”. É que... é que, realmente, essa é uma coisa que a gente... a gente ainda reflete sobre isso, mas a gente chegou a uma conclusão, é... parcial. Não é uma verdade, mas é uma... por enquanto, a gente tá nesse... nessa conclusão de que a gente não é um personagem, mas a gente, quando sobre no palco, a gente assume alguns atributos que não são atributos que a gente tem no dia a dia, né? A gente ganha uma... talvez, assim, uma persona um pouquinho... é Beto e Rafa, é...

ampliados, né? Então, a gente tem uma forma um pouco mais... um pouco diferente de falar. A gente tem uma presença um pouco diferente, a gente se posiciona de uma forma diferente. Então, tem uma... um trabalho corporal que a gente teve que fazer, inclusive, de preparação, né? De palco, com uma... uma atriz que ajudou muito a gente com isso. É... então, a gente quando sobe no palco, a gente brinca que a gente meio que dá um upgrade na gente mesmo, mas a gente toca todo o espetáculo de um jeito muito informal, assim. Tanto é que o nosso figurino, a gente fez questão de entrar com calça jeans e camisetas, né? Então, você pensa psicólogos, né, quando as pessoas vão lá e veem mais ou menos a sinopse do quê que vai rolar. A gente já quebra logo de cara, então são dois caras normais que você poderia tá encontrando na rua ali, os caras entraram pra fazer espetáculo.

Orador G: Tem um cuidado, né, que a gente tá indo com a roupa da rua, né? Tem todo um jogo de símbolos com... com... com o tipo de roupa que a gente usa, mas que ele não é pra ficar evidente logo de cara. É importante que a gente... a gente... como o Beto falou, a gente é uma versão, entre aspas, melhorada da... da nossa verdadeira personalidade. Então, quando a gente apresenta de calça jeans e camiseta, aquele figurino foi pensado pra criar algo na plateia que é meio despir a... a... o preconceito sobre o psicólogo, aquela ideia que você pensa em psicólogo e você pensa num terapeuta freudiano de óculos, barba, meio careca num divã sentando fumando um charuto, né?

Orador C: É um cachimbo.

Orador G: Alguma coisa assim. Então... um cachimbo. É.

Orador D: E me parece um personagem em cima de um personagem estereotipado. Existe uma ideia geral, né, no... no imaginário coletivo do que seria o psicólogo que... que... enfim, se pressupõe. E aí vocês criam uma narrativa, né, todo... toda uma indumentária pra contrapor a isso, mas... mas pra criar também um elo com... com o público. Não seria isso?

Orador F: É, acho que sim, em certa medida, mas, ao mesmo tempo, é que a gente é, né? Então, se a gente fosse... se eu e o Rafa fôssemos outras pessoas de outras formas, pensando outras coisas, talvez a gente fosse outra coisa no palco. Então, tem um pouco do contraponto, sim. Ao mesmo tempo, é... é a gente mesmo.

Orador G: Ele é verdadeiro, né? Ele é verdadeiro até um certo ponto.

Orador F: Exato. Agora, a gente também tem uma coisa de... assim, quem assiste, né, o espetáculo não... não assiste um... um espetáculo de mágica, né? Não é uma... a gente teve uma preocupação. E aí, com todo respeito a todos os mágicos, né, do Brasil, mas a gente teve uma preocupação de fugir de muitas coisas que a mágica tá presa, né? Então, aquela coisa do... do mágico poderoso, do... do... de paletó, é... com todos os seus acessórios, os seus trejeitos e a forma de falar e o... e as mesmas estruturas de apresentação, as mesmas... os mesmos lugares surpresa, né? Então, tem uma coisa que a gente tentou fazer que é... é... nessa linha de tentar levar as pessoas e transportar as pessoas pra o que realmente interessa, que não é o truque, a gente se esforçou muito pra sair desses estereótipos, sabe? Então, realmente, quando a pessoa senta lá e ela escuta no... no primeiro áudio, que a gente tem um áudio

inicial, que é aquele espetáculo mistura psicologia mágica, comete improviso, é a única vez que ela vai ouvir isso. depois a gente só vai falar sobre isso no final pra... pra realmente reforçar pras pessoas que o que a gente faz ali envolve truques, né? Porque senão a pessoa sai pensando: "Nossa, mas o meu psicólogo não faz isso". E aí...

Orador G: Isso é uma preocupação real porque, você imagina, já faz parte um pouco dessa... desse imaginário popular de que psicólogo é leitor de pensamentos ou consegue lidar com as emoções melhor... melhor do que todo o resto das pessoas e tal. E junto com outros tantos, né? Pedacos do... do que são compostos da figura do psicólogo. E, então, a gente faz questão de no final deixar claro que aquilo ali é uma roupagem de psicologia num show de ilusionismo, né? Num show de mentalismo.

Orador C: Claro.

Orador E: Posso fazer uma pergunta pra vocês?

Orador F: Aposto que vai ser excelente a sua pergunta.

Orador E: Tomara. Mas é o seguinte, vocês já perceberam a porcentagem que vocês têm de maior ou menor público quando vocês enfatizam mais sobre a mágica ou mais sobre a psicologia? Eu... eu pergunto isso porque eu, na minha vivência, há um tempo atrás, eu fiz um espetáculo chamado Palhaço, porque... que era inspirado na obra do Plínio Marcos. Quando a gente ia pra algumas cidades do Brasil, quando era... a gente ia pra jornais novos, a sempre colocava... porque o Plínio Marcos, o autor, ele foi jornalista, mas, assim, poucas pessoas sabem que ele foi jornalista, né? Como o Nelson Rodrigues. O povo pensa nele como um dramaturgo, muitas vezes. só que os jornalistas, eles são, né, bairristas e são, né, corporativistas. Então, a gente colocava na sinopse pra mídia assim: "Ex-jornalista escreveu um espetáculo", "O jornalista Plínio Marcos". A gente ficava enfatizando a palavra jornalista e os jornais adoravam. os repórteres adoravam. "Nossa, é um jornalista que escreveu uma peça de teatro". a gente conseguia mais... divulgação maior, porque a gente vendia o espetáculo como tinha sido escrito por um jornalista, embora ele tenha sido mesmo escrito. e aí, quando a gente ia pra lugares que tinham muitas... muito mais criança, a gente usava o nome do espetáculo pra vender, né? Era "Palhaço, por quê?" Porque tinha um palhaço. Ai as pessoas iam mais. Então, a gente ia mudando o departamento de marketing da venda do espetáculo conforme o público. E a gente foi percebendo quando o palhaço era mal aceito ou o povo não gostava ou quando era o jornalista que abria as portas. Vocês já chegaram nessa... ao longo do tempo... bastante tempo, né, fazendo esse espetáculo. Você... vocês já chegaram a alguma... alguma porcentagem, assim? Como é que fala isso? Uma porcentagem, tipo, botar mais mágica? Não no espetáculo, mas na divulgação. Aparece mais público?

Orador F: Nossa, que difícil, cara. a gente tem uma métrica, né?

Orador E: Mas é boa, né? É boa. É difícil, mas é boa.

Orador F: É, é boa.

Orador E: A pergunta foi boa, agora a resposta que eu não sei...

Orador D: É o marketing do teatro, vocês sentiram, né? O negócio do... do Reinecken é completo. vem desde já a divulgação.

Orador G: Mas... mas como é difícil esse aspecto do... do marketing, porque... acho que mesmo aqui em São Paulo que tem, é... uma quantidade de casas de espetáculo bem grandes, né? Assim, bem grande a quantidade, muitas casas na cidade. E eu acho que o público do teatro, ele é bem minguante. É... é... a gente percebe que tem uma maior procura pra quando a peça tem um global, por exemplo, no elenco ou quando ele é uma montagem de um texto famoso ou... ou quando é uma peça da Broadway que é importada, né, pra cidade.

Orador F: Ou quando vai na linha mais da comédia stand up, né? Que você tem... que é aquele programa de balada mesmo que você vai pra beber com os amigos. Ai é uma coisa mais pra dar risada, descomprometida, né?

Orador G: E... então, assim, e parte do que você perguntou do marketing, é uma coisa que a gente tinha que tomar cuidado desde o começo pra não ferir alguns propósitos da... da nossa empreitada que era: uma, a gente queria divulgar a ciência. Então, parte do que as... as pessoas aprendem mentalismo pode chegar a fazer, é uma espécie de rerelatanismo, né? Uma espécie de... vamos pegar o Yuri Geller mesmo, né, naquela história toda de... vou tomar um processo do Yuri Geller? Não sei, mas essa... essa história toda de que ele é... entortava, né, os talheres e tal ou que ele lia os pensamentos das pessoas e tudo mais, isso são técnicas de mentalismo, ou seja, mágica usadas com uma... pra fingir que são poderes sobrenaturais. A gente queria distância disso, bastante distância. Ao mesmo tempo que se a gente colocasse simplesmente o fato de... ah, os... os atores leem os seus pensamentos e tal, isso tem uma... tem um apelo de marketing. As pessoas se interessam pra ver o vídeo que você posta, fazendo essas proezas e tal. Então... então a gente queria tomar cuidado pra não ferir a proposta que era uma proposta de divulgação científica, mas aliado ao lado do... a gente não queria fazer uma palestra, né? Uma Ted Talk sobre os mistérios da nossa mente. Então, a gente ficou brincando. E a gente... a sua pergunta, ela é... ela vem no momento crucial nosso, assim, que a gente tá querendo estender a temporada, um pedido de extensão de temporada, mas a gente tá procurando nichos diferentes de público que a gente... que a gente ainda pode não ter acessado. Então, é assim, a gente ainda não descobriu o segredo. A melhor razão, proporção de como é que a gente acessa outros públicos ou... outro nicho de público. Mas a gente tem buscado, ãhn... passear um pouco nessa área que fala um pouco de mágica, mas não é um espetáculo de mágica. Fala sobre um texto de improvi... um texto... ou seja, com parte de improviso, mas não exatamente uma comédia pra rachar o bico. Ela é um... ela é divertida, mas ela é bem-humorada, vamos dizer assim, sem ser uma comédia pra você rachar o bico. Então, é uma dificuldade da própria... da proposta, né? Ela é própria do Inconscientemente.

Orador E: O nosso slogan acabou ficando Psicologia, Mentalismo e Bom Humor, né? Que é a forma que a gente achou de comunicar essas três coisas, é... de um jeito mais ou menos equilibrado. Mas, é... realmente é difícil ter uma resposta dessa proporção porque a gente não tem nem muitas métricas pra poder olhar pra isso hoje, assim.

Orador C: Uhum.

Orador E: É, eu pergunto, porque, assim, a primeira vez que eu ouvi falar de vocês foi no Naru Hodo que eu vi a primeira vez, eu falei: “Olha...” A primeira coisa que me veio, vou falar bem sincero. A primeira coisa que veio na cabeça...

Orador G: Que merda.

Orador E: Falei: “Que diabo esse povo tá se metendo com mentalismo?” Porque, pra mim, mentalismo era como se fosse um sinônimo de charlatanismo.

Orador G: Sim.

Orador E: Era tipo isso. E eu olhava e falava: “Psicologia e mentalismo, como assim, cara? Precisa ser mentalista com psico...” Aí eu conversei com um amigo meu e ele falou: “Não, você tá enganado. Olha só, é assim, assado”. Aí eu: “Ah, tá. Entendi tudo”. E uma coisa que me chamou muita atenção... eu não... não assisti o espetáculo. Assisti já alguns vídeos, mas eu não assisti o espetáculo porque não... não tô aí, né? No Brasil. Mas eu fiquei com muita vontade de assistir pelo fato da psicologia porque, assim, nesse tempo todo que eu tô trabalhando como ator e produzindo espetáculo de teatro, o elemento da psicologia dentro do teatro é um elemento inovador pra mim, sabe, assim? É o elemento que eu não vi ainda ser usado como marketing. Uma coisa, assim, que eu olhei: “Olha, isso é interessante, porque, realmente, os caras querem fazer uma divulgação científica indo pra esse lado, é interessante, assim”. Porque espetáculo de mágica, se fosse eu como público alvo, eu não iria querer ver, sabe assim? Se o marketing fosse baseado na mágica, eu não ia ver, porque eu não gosto de mágica, porque eu odeio ficar burro. E, na mágica, fico sempre muito burro. Como eu me sinto burro na mágica.

Orador G: A mágica, ela é... ela é... ela se baseia no nossos furos de percepção...

Orador E: É, é.

Orador G: Em Inconsciência, né? Então é que nem você ficar se sentindo burro frente a uma ilusão de ótica, né? Então, é que nem você ficar se sentindo burro frente a uma ilusão de ótica, né? Aquele elefante que tem cinco patas...

Orador E: É.

Orador G: ...mas você vê que só saem quatro do corpo dele é uma coisa, é uma coisa... é um... é um detalhe de... de... de erro de percepção cerebral ali, não tem a ver com a sua falta de inteligência, de intelecto, né?

Orador E: Não, é, pra... até porque, assim, com o palhaço, muitas vezes, os palhaços... eu não sou porque eu não tenho habilidade de mágica. A minha habilidade é mais mímica e imitação e coisa. Então, assim, é... mas eu... eu... sigo muitos palhaços como mestres e tal e eles têm habilidades de mágica, né? E todo palhaço tem que ter uma grande habilidade porque vai ser também...

Orador G: Uhum.

Orador E: Um... um tempero na criação do espetáculo. E muitos palhaços usam mágica, né? Como... como uma técnica também de entretenimento. Então, eu acho maravilha, assim, sabe? Mas é porque... pra ser mágico, né, eu pelo menos entendendo que tem que ter uma habilidade manual também, né? Assim, de você, fisicamente, se mexer de um jeito mais rápido. Enfim, sei lá. Esse lance, cara, da... da psicologia foi uma... foi a coisa, assim, que eu... que eu fico muito à vontade de ver, sabe? Porque me parece muito diferente do que estou acostumado a ver, sabe? É uma coisa híbrida mesmo, assim, é teatro, é mágica, é sobre psicologia, é TED Talk, é divulgação, tudo num mesmo combo, sabe?

Orador G: É que nem pato. A gente não voa direito, não nada, faz um pouco de tudo.

Orador F: Isso, exatamente.

Orador G: Meio ornitorrinco. Não serve pra nada, mas parece com tudo.

Orador F: Você sabe que, ao mesmo tempo, a gente sofre muito com isso, porque, no final quando a gente pede pras pessoas, é... ajuda na divulgação, no boca a boca, a gente também tem que falar: “Gente, a gente sabe que é difícil de convidar. É difícil de explicar o quê que é, tal. Então, entra nas nossas redes sociais, vê lá, lá tem vídeo, tem... né, formas pra tentar ajudar a explicar. E não deem spoilers, por favor”, porque acontecem coisas no espetáculo que se a pessoa já sabe o que é, nossa, aí não tem a menor graça, sabe? Então...

Orador E: Sim.

Orador F: É... é muito difícil de... de... de divulgar sem dar spoiler. Mas é... em partes é por causa disso, porque é uma coisa muito diferente mesmo, que no Brasil a gente não tinha visto dessa forma, né? Com essa... talvez com essa... esse nível de... de texto.

Orador E: Mas essa roupagem, né? Essa preocupação com a psicologia.

Orador C: Bom, isso me faz querer saber, assim, então como é... quais foram as inspirações que vocês tiveram pra construir esse... esse espetáculo, né? Pra vocês começaram a... a propor esse espetáculo.

Orador G: Uhum.

Orador E: E eu posso emendar uma pergunta também?

Orador C: Pode.

Orador E: Eu queria... eu queria que vocês falassem do nome, porque... porque vocês escolheram esse nome. Como... como que esse nome surgiu pra expressar. Eu sei que... como... como o nome do espetáculo, como... como se cria, né? Eu sei o que significa isso. Eu queria saber como que vocês chegaram nesse nome.

Orador G: Primeiro das influências, é... a gente tem, há muito tempo, assistido um... um ilusionista inglês chamado Derren Brown. E acho... acho que vale super a pena quem tiver ouvindo ir buscar porque o cara é... ele é muito fera em fazer um texto de bom gosto, sabe?

Que não insulta a inteligência da... da plateia com... com as mágicas que ele faz. E ele deixa todo mundo com a pulga atrás da orelha do quê que ele tá fazendo. Eu sei de um jornalista inglês que definiu ele como o mais próximo que nós teremos de um mestre Jedai, sabe? Ele... ele é... ele é muito impressionante na capacidade dele de influenciar os pensamentos da plateia, né? É... como... como forma de entretenimento e... e forçar as pessoas a assistirem ele, é... com esse... com esse... com esse ar de mistério, assim. Então, o Derren Brown é a nossa maior inspiração.

Orador F: Mas ele tem uma coisa, é... tem uma postura cética, uma postura, é... bastante, é... em defesa, né, do pensamento crítica, do pensamento científico. Então é... tem uma... tem uma entrevista dele no Youtube, por exemplo, se vocês, é... se interessarem com o Dawkins. E ele fala sobre a temática que é leitura fria, sobre os... os tais dos... dos... é... leitores de mente, né? Principalmente na... no Reino Unido. E... então a gente tem uma identificação também com ele nesse sentido com a diferença que a gente fez uma escolha de carreira realmente pro lado da psicologia. Então, quando a gente fala da psicologia, a gente tá falando de uma... de um lugar, se eu posso dizer assim, essa coisa do lugar da fala é tão chato, né? Mas de... de um lugar de... de... de que foi uma escolha. A gente estuda isso dia e noite, né? A gente ama isso. Então, é uma coisa que a gente fala com, é... talvez com uma propriedade um pouco mais de quem, é... de quem vive isso, né? Então, acho que talvez essa seja uma... um pequeno twist do que a gente traz. Mas o cara realmente é o nosso ídolo, assim, número um. Acho que é impossível não falar dele.

Orador G: Lembrando, que, é... eu não sei se a maioria das pessoas sabe quando a gente fala de mentalismo. O mentalismo é uma categoria da mágica. E... e não é nada mais do que isso. Então, ele usa truques, assim, como você usa truques pra ocultar uma carta ou pra... pra fazer tantas outras coisas na mágica. Ele faz... a gente usa truques pra simular leitura de pensamento, de influenciar pensamentos e tudo mais. Então, algumas pessoas se preocupam com aspecto mentalista da nossa... do nosso título como se fosse algo da área da psicologia que pressupõe uma mente que é um... né, um... uma série de... de... de teorias que pressupõem em mente. E não. Na verdade, o mentalismo no nosso título é usado como essa área da mágica.

Orador F: E no fundo, assim, acho que também vale ressaltar. O... o... o Derren Brown não foi o primeiro cara a fazer isso também, né? É... a ideia de você trabalhar, por exemplo, que... a primeira pessoa que chama, que trouxe o mentalismo pro entretenimento que chamou e disse o que ele fazia era experimentos foi um cara chamado Chan Canasta. Ele é da década de cinquenta. Ele era um polonês que... que... inclusive a família dele, é... fugiu da... veio fugida. E aí ele nasceu na... na Polônia. Depois ele acabou indo lutar na Segunda Guerra aqui. E ele quando foi pra... pro Reino Unido morar, ele começou a brincar com mágico, o nome dele veio disso, né? Porque ele fazia muita mágica com cartas. E aí quando ele começou a ir na televisão, ele foi a primeira pessoa que começou a trazer uma conotação da... da psicologia sem ser necessariamente de... voltado pra divulgação científica, mas já começou a trazer essa ideia de que não precisa ser uma coisa necessariamente mística, né? Pode ser uma coisa que fala de coisas muito mundanas. E o próprio Derren Brown resgata um pouco isso. E a gente na nossa... aqui, humildemente, a gente também traz isso com... da perspectiva de quem é

psicólogo no dia a dia, né?

Orador G: A gente tinha começado com Os Mistérios da Mente. Quando a gente tava discutindo a razão do... do... de fazer esse espetáculo, a gente entrou na ideia do... que as pessoas criassem ou tomassem consciência daquilo que elas não têm consciência do dia a dia. E parece uma pergunta supercabeluda e superprofunda e tal. E... e pode ser, mas como ela também diz respeito às pequenas coisas da vida, que é... e aquilo que você faz sem... sem saber que tá fazendo, né? E que vai desde o nosso... todo o nosso sistema parassimpático, é... tudo aquilo que você... não, seu coração tá batendo e o seu pulmão tá regulando a quantidade de oxigênio que você tá colocando pra dentro. E quando você acelera o seu ritmo de marcha, você acelera o seu coração ao mesmo tempo. E você não tem consciência nenhuma disso. Tá acontecendo à revelia do... do... da sua vontade, às vezes até. Da mesma forma quando um mágico atrai a atenção do público pra um lado e disfarça o que ele tá fazendo no outro, isso também tem a ver com a condução da consciência e da atenção do público. Então, a gente fez essa... esse misto de... de brincadeira do que era... e... e você tem consciência das tuas ações, de que ações você tem consciência. E é possível ter consciência ou as ações acontecem e depois a gente racionaliza elas de alguma forma? E são todas questões discutidas na peça, quase que um efeito colateral aí do... do... da peça, assim. Essas perguntas vão surgindo. E, então, a gente achou que Inconscientemente fazia mais sentido do que Os Mistérios da Mente. Então, por isso que a gente mudou. E tem uma brincadeira lá com o título que eu não vou dar o spoiler, mas no final da peça fica mais claro ainda.

Orador E: Eu iria ser um dos piores públicos, sabe assim? Porque como que vocês disseram que vai...

Orador G: Ainda bem que você tá em Vancouver.

Orador E: Como que vocês disseram, né, que o público vai cheio de... de amarras e procurando erro, eu sou... eu sou desses, assim. Eu fico... fico realmente ali: “Pera aí, deixa eu ver”. Ainda mais, assim, esses ilusionistas, esse Brown, eu já acompanhava, acompanho ele em vídeos, assim. Esses de Youtube... quando... quando é vídeo, eu nunca acredito. Eu parto do pressuposto que é editado, porque eu edito vídeo, então eu sei como é. Tem uma que ele faz uma troca de aliança e tal. Só que eu... eu vejo quando é o take cortado, né? Eu falo: “Ah, você cortou o take, agora é fácil”. Se eu tivesse á na rua, tudo bem. E as pessoas, as reações das pessoas eu também fico: “Ah, eu consigo um monte de ator que possa fazer, sabe?” Eu sempre fico nesse lugar. Aí tem um cara que eu acompanho muito e que eu gosto que é o Captain Disillusion, não sei se vocês conhecem.

Orador F: Entendi. Ah, entendi. Nossa, ele é muito bom.

Orador E: É, eu adoro ele porque ele faz essas coisas de truque de mágica...

Orador F: Putz, o cara é demais.

Orador E: ...também, mas pela faz em VFX e mostra, muitas vezes, que o pessoal... então, assim, uma coisa que eu ia adorar mesmo e acho que é superinteressante que é ver você discutindo essas coisas ao vivo mesmo.

Orador G: Ao vivo, né?

Orador E: E já rolou muito peteco, assim, de dar... dar coisa errada e vocês terem que, é... improvisar ou sair desse lugar? Que vocês disseram que não tem, é... um background de atores, né? Tipo, vocês não... não vieram dessa profissão, né? Vocês vieram da Psicologia.

Orador F: A gente tem uma margem de segurança, né? Então, a gente trabalha sempre com técnicas que têm um grau de acerto relativamente alta. E a gente se prepara pra algumas coisas que podem dar errado com alguns planos Bs, né? Algumas contingências. É... mas... mas, assim, é muito raro alguma coisa dar muito errada. É... todo espetáculo, alguma coisinha não sai exatamente do jeito que talvez a gente esperasse, mas isso faz parte da... de dar mais verossimilhança pro... pro que tá... pro fenômeno, sabe?

Orador E: Sim, sim.

Orador F: Esse é um princípio do mentalismo...

Orador E: Sim.

Orador F: ...também, né? Que você... quando tudo é muito perfeito, isso soa pouco real. Isso parece pouco real. Então, eventualmente, algo menos perfeito dá a sensação de mais realidade. Então, isso também faz parte do... da técnica. Mas nunca nada muito errado, assim, porque...

Orador G: Uma vez... ah, agora exclusiva aqui pra Dragões da Garagem. Ok, extra, extra.

Orador D: Vai lá.

Orador G: A gente foi fazer uma apresentação na TV Gazeta faz algumas semanas atrás. E o apresentador, que é o Zucatelli, ele... a gente conversou com ele um pouco antes de entrar no ar e tal. Era ao vivo, era a primeira vez que a gente tava fazendo televisão ao vivo. Então...

Orador F: E uma coisa, assim. A trinta segundos de entrar no ar, uma das coisas que a gente tinha preparado pra fazer e que a gente tava pronto pra fazer...

Orador G: Deu ruim.

Orador F: Deu... assim, deu... mas deu tremendamente errado, assim. Foi plano A por água abaixo completamente.

Orador G: E eu o Beto, a gente tava já meio sentado no estúdio. E câmeras prontas pra virar pra gente. E aí a gente teve que fazer um plano B sem conversar antes, sem a gente conversar antes. E eu diria que se isso tivesse acontecido no começo do ano passado ou logo depois da gente ter estreado no palco, acho que a gente não teria conseguido se safar ou se virar tão bem quanto a gente se virou. O fato da gente ter experienciado esses pequenos erros do noite, é... a cada noite de apresentação do Inconscientemente ao longo desse ano, isso deixou a gente mais... mais preparado. E acho que pro público, aquilo que aconteceu foi tão impressionante quanto. A gente conseguiu... como não se sabe o que vai acontecer, e na maioria das vezes

mágico é isso, ele não diz exatamente o que ele vai fazer pra você, né? Ele fala: “Olha, que interessante”. Ele conta uma pequena história e, puf, acontece a coisa, porque se você soubesse o que ia acontecer exatamente, você taria de olho no lugar errado ou no lugar que ele não quer que você olhe. Então, acho que pro público passou totalmente despercebido, mas que podia ter dado bem errado. Podia. Então, a gente, às vezes, se vira mesmo com o que tem. Em parte, é experiência e a outra parte é um pouco aquela ideia do mágico ser o cara que dobra o próprio paraquedas, sabe? É aquela coisa, você tem que saber exatamente tudo o que você colocou. A gente faz um checklist completo do palco antes de entrar toda noite porque a gente tem que saber onde tá tudo que a gente pode precisar, até quando alguma coisa der errada. Que deve ser um pouco diferente, não sei, da sua experiência de ator, né? Quando você erra um texto ou quando você esqueceu, imagino, deve ser uma... não sei qual é a tática pra fugir do erro, né? Pra consertar o erro.

Orador E: Que, assim, na atuação de teatros mais épicos que são de interpretação, de teatro com texto... sei lá, vai interpretar Shakespeare ou... ou pega até uma peça de Brecht, uma coisa um pouco mais antiga. Brecht talvez não seja um bom exemplo, mas pega uma peça, assim, tipo de... mais de cem anos, por exemplo. Normalmente, o que os atores... pelo menos os atores que eu trabalho, né? A gente gosta de fazer, tipo dar uma estudada no período histórico cem anos antes e cem anos depois, sabe? Pra ter um... um know-how de informações que aconteceram, que acontecem naquele... no... no envolvimento desse... desse espetáculo, né? Da nossa história pra, eventualmente, conseguir fazer um... rolar uma piada com nome de um Governante de um determinado país, a gente fazer alguma coisa assim pra conseguir ter... ter isso, assim, né? É... isso também quando cabe você não sair, né? Porque, às vezes, um improviso acaba você sair do lugar, né? Quando é espetáculo de comédias. Às vezes, cabe você sair do lugar no sentido de você... de você assumir o erro, o problema e inserir o erro como parte do seu... da sua comichão, assim, né? Eu lembro uma vez, pra tentar ilustrar, ficou vasto, né? Mas um amigo meu tava apresentando um espetáculo cômico num... numa... numa sala que tava recém-inaugurada como Sala Cassia Eller. A Cassia Eller tinha falecido acho que dois anos antes. E aí a Funarte, na época, deu o nome da sala pra Cassia... Sala Cassia Eller. E aquele era um dos primeiros espetáculos na sala chamada Cassia Eller. Ele: “Agora vem um momento muito importante, não sei o quê”. Aí tinha um barulho na sala, sabe? Tipo... que era muito estranho, ninguém sabia da onde era, assim. Daí ele ficou: “Cassia, deixa eu terminar a minha cena”. E aí ficou, tipo, botando, toda hora que rolava o barulho “bam, bam”: “Cassia, tá, você quer viver, você quer fazer a sua apresentação. Ela quer agradecer, gente, que não sei o quê”.

Orador G: Que genial.

Orador E: E... e o público entendeu, porque cabia ele inserir aquele barulho externo dentro porque o espetáculo não era de imersão história, sabe assim? Não tinha... não tinha esse distanciamento, assim, né? Mas, às vezes, cara, é isso o que vocês falaram. Às vezes, é um... dá um sufoco, né, cara? Vontade de...

Orador G: É.

Orador E: Tirar a roupa e sair correndo.

Orador F: Ou por a roupa, né? Dependendo do espetáculo, por a roupa e sair correndo.

Orador E: É verdade.

Orador C: Exatamente.

Orador F: Nesse contexto, entra uma... uma... um pouco do... do treino de improviso, né? Que é a coisa de você tá muito conectado ali com... com o presente, com o que você tá fazendo e com o que vem da plateia, com o que vem do... da... da sua dupla, com o que vem do... do... de tudo, né? E o cara... nesse seu exemplo, ele foi muito espirituoso, né? Porque é... às vezes é uma... uma coisa que vem do nada e que se você não tiver com essa abertura, você vai filtrar, você não vai filtrar, você vai julgar ou você vai falar: “Não, né?” E não flui, né? Então, acho que aí é um pouco do... aí vem o lado mais do treino mesmo que a gente precisou correr atrás e a gente não tinha.

Orador C: O que eu queria saber um pouquinho, se vocês puderem compartilhar com a gente também, é que aspectos da psicologia que foram importantes pra vocês construírem o espetáculo?

Orador G: Essa é uma pergunta difícil de responder dado a nossa... o que a gente acha que é uma dificuldade da Graduação de Psicologia, principalmente de como ela acontece aqui no Brasil. É... o Beto e eu, a gente entrou a Faculdade de Psicologia achando que existia um consenso na... no... no que é o... como chama isso? O coletivo de teoria e postulações psicológicas, sabe? E que, na verdade, como ela é ensinada no Brasil, ela é quase como um coletivo de filosofias diferentes e que são ensinadas com o mesmo peso. Então, ähn... se você vai à Faculdade de Psicologia, de Filosofia, e o cara te diz: “Olha, isso daqui é o que o Descartes achava sobre o mundo e sobre as pessoas”. E, logo em seguida, ele te ensina Hummer que eles tão... assim, completamente, é... em polos opostos de... de... de definições sobre a natureza humana. O... a psicologia, às vezes, acontece... na filosofia vale, você fala: “Bom, eu... eu entendo essa forma de pensar e consigo entender a outra também”. E, na psicologia, às vezes o que acontece é a mesma coisa. Você tem no... você tem numa manhã aula de Psicanálise e você tá aprendendo as coisas que Freud escreveu lá no começo dos mil e novecentos, e... e, logo em seguida, você tem uma aula de behaviorismo radical skinneriana, é... sobre ratos dentro de caixas de Skinner com privação de água e como eles respondem e como você pode transpor esse... essa... esse aprendizado pra... pra situações humanas. E ninguém te ensina ao longo da faculdade que é, ähn... algumas coisas negam a outra, sabe? Se você... você não pode acreditar igualmente em Freud e em Skinner. Você não pode acreditar igualmente em Jung e Melanie Klein. Então, você começa a aprender e... e ter que tomar partido de uma teoria ou outra a longo da faculdade. E eu acho que essa é um pouco... aí, nossa, humildemente, é... crítico a... a Graduação de Psicologia nesse sentido que fala: “Você...” As pessoas acabam tomando partido e fica quase como uma coisa de time de futebol, sabe? “Ah, eu sigo tal linha teórica”. “Mas por quê? Qual é a definição de natureza humana que você poderia testar e me mostrar a razão de você fazer a sua clínica ou a sua atuação como psicólogo dessa... através dessa... desse viés?” E muitas vezes: “Ah, ah, eu

sinto assim”. Ou: “Eu... eu... eu imagino que é assim que funciona”. Ou: “Porque a minha mãe me tratou assim, então eu acho que...” Ou: “Eu faço terapia X, Y, Z e funciona comigo”.

Orador F: No fundo, tem, é... esse... esse chamado que eu... eu e o Rafa, a gente tem, também se identifica muito com essa... com esse chamado que é a psicologia, ela tá um pouco perdida, assim. A gente tá falando isso humildemente, mas, é... a gente não... não somos os únicos a questionar, né? Então, se vocês olharem hoje pra... pra sabedoria popular, o que dizem os memes, né? Sobre... sobre... sobre a... sobre o trabalho do coach, por exemplo, sobre, é... enfim, sobre as terapias alternativas. Assim, é... é absolutamente normal você ter uma pessoa que se formou numa Graduação em Psicologia e decide, ao mesmo tempo, trabalhar com florais de Bach com terapias, com... com astrologia, com... sei lá, com constelação, com terapia dos anjos. E... e encarar essas coisas como formas igualmente aceitáveis e válidas de se fazer, é... de se fazer saúde, sabe? Então, de... isso posto, né, a gente tentou trazer no... no espetáculo uma visão que é um pouco generalista, então a gente fala de conceitos e ideias que permeiam, que são mais, assim, abrangentes. Então, a gente não tá preso numa abordagem. A gente fala em Jung, por exemplo, como uma referência histórica importante. A gente fala... a gente faz uns experimentos. Sem dar muito spoiler, mas a gente faz uma associação aleatória de palavras, por exemplo. E aí a gente fala um pouco do... da origem do experimento, como ele... como o Jung trabalhava isso. E aí a gente brinca com isso depois. A gente fala muito sobre temáticas que têm a ver com escolhas de comportamento, então da onde vem as nossas escolhas e em que medida que as nossas escolhas são realmente nossas, o quanto que a gente é influenciado pelo ambiente. E aí pra quem sabe do que a gente tá falando nas entrelinhas, tem um viés aí mais, é... mais comportamento, né? Mais determinista, de certa forma. É... a gente brinca um pouco com a coisa da... das formas de comunicação, comunicação não verbal. Tudo o que a gente faz lá são metáforas de coisas que acontecem e podem acontecer no dia a dia. Então, a psicologia olha pra isso de um jeito mais científico, mas a gente trabalha lá de um jeito que é um [pão] de brincadeira. E lá acontece de um jeito extremo, né? Então, poxa, no dia a dia, você não vai conseguir influenciar alguém a... a fazer decisões exatamente como você quer que ela faça, mas tem um nível de influência que acontece. A gente trabalha um pouco com isso. Mas, no fundo, é bem eclético, assim. A gente trabalha ideias de... do [beheavioria]. A gente trabalha autores que são pouquíssimos conhecidos, tipo o Marquês de Condorcet que é um cara que, é... lá na época da Revolução Francesa, é... era um matemático, um filósofo e ele trabalhava com essa ideia das escolhas coletivas, a sabedoria das massas. Então, a gente resgata umas coisas mais clássicas pra também trazer uma conotação mais teatral, assim. E, enfim, então é uma verdadeira salada, é... que, no fundo, tem a ideia de provocar as pessoas a... a pesquisar mais, a querer saber mais, sabe?

Orador C: E é legal que vai trazendo várias contribuições, né? Acho que, hoje em dia, pelo menos nos grupos que eu participo, a gente acaba discutindo mais as diferentes contribuições de teóricos da psicologia ao longo do tempo e como a gente pode olhar pra certos fenômenos com pouco mais de entendimento ou com possibilidades diferentes a partir dessas contribuições. Claro, sempre, né, respeitando também uma lógica interna coerente, mas conseguir fazer essa leitura, né? Do quê que... quê que a gente aprendeu? Quê que a gente

consegue olhar mais a partir dessas contribuições. Bom, e... além do espetáculo Inconscientemente, eu queria que a gente conversasse um pouquinho também sobre a Máquina que Matava Fascistas, né? Do nosso outro convidado que é o Reinecken. E... e se vocês quiserem até, é... é possível A Máquina que Matava Fascistas, né? Tá disponível como um dos Podcasts do Trabalho de Mesa. Né, Reinecken?

Orador E: É. A gente fez essa... esse espetáculo em comemoração ao... ao segundo ano do nosso Podcast porque foi por causa desse espetáculo que a gente começou o Podcast propriamente. Foi por causa desse espetáculo que a gente veio aqui pra ficar sob as asas desses dragões. No ano de dois mil e seis, eu acho que ia fazer, é... eu não lembro mais agora, cara, mas ia fazer aniversário de cinquenta anos da Ditadura Militar no Brasil. Aí foi em dois mil e dezesseis, né? Isso. Se eu não me engano, né?

Orador C: Uhum.

Orador E: Ou dois mil e catorze.

Orador D: Foi. É.

Orador E: Enfim. Acho que foi em dois mil e catorze. Mil novecentos e sessenta e quatro.

Orador C: Isso, dois mil e catorze.

Orador E: Enfim. Isso. A gente levantou o espetáculo e falou: “Cara, vamos falar sobre...” Em... em dois mil e catorze, estava rolando muita briga na internet, como tá agora, né? Uma dicotomia muito clara e tal. Só que, em dois mil e catorze, parecia que era meio que o começo, porque tinha rolado aquelas manifestações de dois mil e treze e tava começando a se estabelecer dois polos, né? A galera do... a galera do azulzinho contra a galera do vermelhinho. E tinha muita gente criticando e falando da volta da Ditadura Militar, não sei o que, e o fascismo e tal. E eu fiquei muito impressiona com aquilo. Eu fiquei, assim, assustado: “Como... como assim tem gente pedindo a Ditadura Militar?” Parecia muito absurdo aquilo, sabe? E intervenção e tudo. E aí, é... a gente tava... tava com um projeto pra falar sobre história no teatro. E aí eu pensei: “Bom, vamos falar sobre exatamente os cinquenta anos do Golpe Militar. Vamos tentar criar um espetáculo de teatro que falasse sobre isso, né? Sobre essa coisa do fascismo, né?” E aí, então, a gente criou uma... um espetáculo inspirado naquele adesivo daquele violão daquele cantor country dos Estados Unidos, né? Que botou no... no violão dele: “Essa máquina mata fascistas”, né? Ele colou um adesivo no violão. E cantava, né? Através. E o... o Bob Marley também era um que acreditava nessa onda, né? Que a música e a arte deveriam transformar. Era como um vírus, né? O amor era como um vírus. Você passa ele pra alguém, a pessoa fica contamina com esse vírus, ela acaba passando isso pra outra pessoa e tal. Então, tentava promover a paz e a... o amor através da arte, né? Então, ele... ele botou no adesivo dele, né? No... adesivou o violão: “Essa máquina mata fascistas”. E eu achei aquilo muito impactante, né? É... baseado em alguns livros que a gente tava lendo.

Orador C: Sim.

Orador E: E aí eu resolvi pegar o Trabalho de Mesa e propus pro grupo: “Olha, a gente pode fazer um espetáculo sobre fascismo e vamos tentar falar sobre isso”. E uma das coisas internamente que o grupo queria era não defender o ponto A ou o ponto B. O grupo queria levantar o problema, porque eles não queriam que fosse: “Ah, eu também não quero ficar falando das pessoas que tão criticando o PT, porque o PT também não tem lá essas coisas que têm sido defendido”, sabe? Era uma coisa que apareceu no grupo, essa discussão. Que, ti pó assim, a gente queria... e sempre a gente entendeu que se criou uma falsa dicotomia entre dois tipos de Governo e o público, sabe? E... e o meu grupo sempre entendeu que existia só duas esferas. Existe o Governo e existe o público. Agora, o Governo conseguiu essa falácia, assim, de se distribuir em dois pra ficar parecendo que um é contra o outro, mas, no fim das contas, eles continuam sendo Governo. Até porque, em Brasília, a gente teve um Governador do PT que fez um grande problema lá com a cultura. Pegou o dinheiro do povo e tal. Então, era bem aquele momento. Aí a gente pensou...

Orador F: Cara, desculpa eu te interromper, mas isso é tão genial e tão, assim, parece tão trivial, mas é... pra mim é um insight muito forte, assim. E... e... então, acho que... eu quero até... eu quero até saber como vocês conseguiriam colocar isso no espetáculo. Mas é... isso é...

Orador E: Pois é.

Orador F: Muito interessante.

Orador E: A gente discutiu isso, assim, tipo: “Não, a gente então quer falar sobre esse problema”. E daí surgiu esse nome, né? Eu falei: “Olha, tem esse negócio de ser uma... a máquina que mata o fascista, né? Mas quem vai ser o fascista?” Porque a gente tinha muito problema com alguns órgãos públicos de prestação de contas quando a gente tava tentando apresentar os nossos projetos pro... pro Governo, porque o Governo entendia, muitas vezes, o que o público entende também, né? Porque o Governo é feito de pessoas. Então, se as pessoas entendem uma coisa errada, o Governo também entende, porque lá dentro do Governo tem gente também. As pessoas entendem arte como palhaço ou arte como uma coisa meio trivial, uma coisa sem importância e tal. Então a gente ficou meio assim, é... no fim das contas, cara, o artista tá realmente escorraçado do... do... do ambiente, assim. Então, a gente meio que pensou nesse... nessa máquina que matava os fascistas. Qual seria uma máquina que a gente pudesse fazer pra matar os fascistas. Mas, ao mesmo tempo, a gente queria que os personagens tivessem, é... uma reviravolta e que a gente botasse um personagem que estivesse sofrendo o fascismo até um determinado ponto que ele virasse fascista. Aí ele fizesse outra pessoa sofrer e aí virasse um ciclo vicioso, porque a gente queria meio que provar que é o sistema que meio que atrapalha e tal. Então, essa era o mote, sabe?

Orador F: Uhum.

Orador E: Aí a gente pegou, é... textos do Alan Moore. A gente pegou Watchmen, a gente pegou V de Vingança. A gente pegou Matadouro Número Cinco do Kurt Vonnegut, o Café da Manhã dos Campeões. E aí a gente foi juntando material e começamos a escrever o... uma história real. E aí acabou ficando muito assim, problemas que o Governo teve em relação a

autarquias. Tipo, pessoas que tiveram problema... pessoas civis que tiveram problemas em autarquias. Então, se você já foi no Detran e... e se irritou de tá na fila do Detran e ser mal atendido no Detran, a gente quer te dizer que, atrás do Detran, da instituição Detran, tem um civil que tá trabalhando pra ele, entendeu?

Orador F: Uhum.

Orador E: E aí a gente pensou: “Bom, vamos fazer isso”. Aí a gente abriu na internet, nos nossos amigos e no Facebook, na época, é... histórias que aconteceram com as pessoas em autarquias que fossem bizarras. E, cara, a gente recebeu cada coisa que vocês não acreditam, assim. A gente ficou assim: “Caracas, como que é possível?” E aí chegou um momento, um determinado momento que a gente começou também a usar as nossas próprias histórias. E a usar a própria história dessa peça, ou seja, pra inscrever essa peça no edital público e ganhar o dinheiro público pra fazer esse espetáculo que também gerou. Então, a peça é meio sobre ela mesma, sabe? É sobre também fazer sobre [isso]. E aí tinha uma parte específica numa... numa cena que eu queria, porque, assim, como era montagem de três pessoas só, a gente escreveu, é... cada um escreveu uma cena. E aí depois cada um escreveu mais uma cena e a gente fez, juntou, sei lá, dez cenas, nove cenas, cada um acabou escrevendo duas ou três, né? Na minha cena, eu sempre fui muito entusiasta de ciência e sempre me considero um cientista frustrado, é... porque eu acabei sendo artista, infelizmente.

Orador C: Ou felizmente, né?

Orador E: Aí eu... eu... aí eu sempre... sempre tentei colocar ciência na coisa. Aí eu tava escutando um... um Dragões de Garagem, na época, eu ainda era superfã da Dragões de Garagem, sempre escutava Dragões de Garagem em todos os lugares que eu ia. Todas as vezes antes de entrar em cena, eu tava de fone de ouvido pra relaxar, eu ficava ouvindo episódios da Dragões de Garagem, principalmente os mais antigos, assim, que eram... o áudio bem ruim. Eu ficava lá, tipo, pensando...

Orador D: Eu... eu e o André... eu e o André não somos dessa temporada.

Orador E: Eu ouvi um que era sobre essa coisa da divulgação científica, mas falava sobre as questões da... da física, da astrofísica. E eu fiquei: “Cara, e a gente não sabe disso, né?” Tipo, o público leigo mesmo, assim. A gente não estuda essa coisa na escola. Se todo mundo tivesse a chance de ouvir o Dragões de Garagem na escola, ia ser maravilhoso, assim. Eu tinha... eu era fã, né? Eu era só ouvinte. E eu fiquei: “Cara, tinha que fazer alguma coisa com isso e tal”. Aí eu pensei: “Eu vou fazer uma cena inspirada num episódio dos Dragões de Garagem”. E aí escrevi uma cena de uma aula de astronomia, entendeu? Tipo, era uma aula de astronomia em que o professor tentava controlar os alunos que ficavam alopados com astrologia. E aí, de repente, o diretor entrava e tinha uma opressão violenta em cima de uma... uma menina, né? Que era uma atriz. E ela era uma... uma mulher nessa turma, então tinha também toda a questão do machismo. Aí a gente criou tipo um combo problema da família tradicional brasileira, saca? A gente criou o combo. Aí construiu essa cena. Só que, como a gente usava trechos e fala do Dragões, eu achei por bem, né, e também já prevendo o namoro, eu mandei um e-mail pro Dragões e falei: “Olha, tô aqui. Sou de Brasília. Tô com um

espetáculo e tal. Lá-lá-lá-lá-lá-lá”. E assim... e aí o Luciano gostou muito. Foi até Brasília pra assistir o espetáculo. É uma coisa assim, tipo, nossa, a gente ficou super honrado. “Caraca, receber pessoal da Dragões”. Eu já contei isso outras vezes, mas pra mim, na minha cabeça quando ele falou: “Ah, o Dragões tá indo assistir”. Na minha cabeça, ia todo mundo. Eu pensei que ia toda a equipe.

Orador C: Sim.

Orador E: Mas só... foi só ele.

Orador C: Olha, se fosse na época, eu tinha te dado... feito uma... se eu fizesse parte, na época, eu tinha feito uma força pra ir, porque...

Orador E: Pois é. Não, hoje eu acho que seria legal receber todo mundo. Nosso teatro era bem... é bem pequeno até. Mas aí a gente escreveu essa cena, botou e o Luciano gostou muito e chamou a gente pra fazer esse programa que a gente tinha paralelo, né? Que eu contei. Esse Trabalho de Mesa que era vídeo, na época, pra fazer ele em... em Podcast pra dentro do Dragões. Aí a gente: “Ok, vamos fazer”. Então, meio que... quando a gente se deu conta que já tinha dois anos que a gente tava fazendo isso, eu resolvi falar: “Cara, vamos pegar o nosso áudio da peça, as músicas...” Que a gente compôs tudo. A gente compôs as músicas, a gente escreveu texto, a gente fez tudo. E era uma peça bem pesada, assim. Tipo, a... a atriz que fazia, ela tinha... teve que raspar o cabelo todo. Eu também e o outro ator também. A gente ficou completamente pelado. Tipo, raspou tudo. A ideia inicial era raspar as sobrelhas também pra ficar sem nenhum pelo, porque a gente fazia uma referência a campos de concentração. Então, os atores tão com o mesmo figurino, que é o pijama xadrez, e vão sofrendo as coisas do fascismo, né? Assim, da construção do fascismo moderno, [digamos]. E aí a gente ia mudando. Então, tinha um personagem chamado Geraldo, que era o personagem principal, que ele ia se tornando um fascista por sofrer de fascismo. Era tipo isso. Só que o Geraldo era interpretado por todos os três atores em determinadas cenas. A gente ia trocando o Geraldo, entendeu? Então, era uma coisa bem, assim... era muito contemporâneo. Muito maluco, assim. E aí a gente resolveu botar, então, o áudio da peça, que a leitura da peça tá disponível no nosso Podcast lá, chama Especial A Máquina que Matava Fascista. É um áudio da peça. A gente tá lendo o texto, tentando interpretar pro Podcast por Skype, então, assim, é... é bem diferente, de fato, do momento, assim, sabe? Só que aí tinha essa cena de ciência que a gente falava da divulgação científica dentro da coisa, e a gente tinha muito debate depois. Quando a gente fez a temporada, a gente apresentou durante uns dois meses, eu acho, e a gente depois tinha debate com o público, sabe? E essa parte da divulgação científica foi uma coisa que me impressionei muito como era falta, sabe? Primeiro que as pessoas entendiam a aula de astronomia como uma... uma alegoria simbólica, assim, porque a gente falava da sonda, da Voyage, a gente falava do tamanho de Júpiter. E, quando a gente ia debater com o público, a gente percebia que as pessoas achavam que aquilo tudo era fantasioso. Eu falei: “Não, eu peguei de um dado científico de um Podcast, um portal de ciências com divulgação, tipo com... tem um astrofísico lá dentro. Eles atestam. Tem... tem...” “Aham, sei. Até parece”. Então... [era coisa assim]. Eu falei: “Caracas, isso tá muito pior do que a gente imaginava”. O espetáculo me deprimiu mais ainda. E... e era muito legal,

assim, fazer... é... foi o último espetáculo que eu fiz antes de me mudar pra cá. A gente gravou esse... esse Podcast já eu aqui, né? Por... por Skype, que eu já não tava mais morando em Brasília, porque eu vim pra cá pra estudar Cinema e aí acabei abandonando um pouco os palcos e indo pra... pra detrás das câmeras, né?

Orador C: Eu ia comentar que o Reinecken, ele já foi falando tudo que eu tinha pensado em perguntar. Porque até falou, né, de como as pessoas percebem esse conteúdo inserido dentro, porque ele tá no texto, né? De certa forma. E... não. E, é... por mais que ele vai fazer as pessoas refletirem sobre o que seria o fascismo, que também é um conceito que a gente poderia discutir cientificamente, mas... e aí vocês vão incluindo isso... isso dentro da peça, no sentido de fazer os personagens sofrerem aquela... o peso, né, dessas relações de... desiguais de poder e... e todo... essas características. Mas... e aí outros conteúdos que são mais, é... hard science que as pessoas geralmente se referem, né, que seria essa questão astronômica... astronômica e tudo mais fica como um... um algo a mais, né? Um plus dessa relação do... de que vocês têm essa preocupação científica também, né?

Orador E: É. Hoje eu não sei se o espetáculo conseguiria ter uma boa fama, assim, porque ele tinha uma pegada meio social, meio de esquerda, talvez, porque o elenco era assim, né? Então, assim, a gente meio que querendo ou não, a gente colocava. A gente usou muitos exemplos de gente vestida com a camisa da Seleção que ama Deus e que ofende e xinga o preto de não sei aonde, a macaca de não sei o quê. A gente usou esses prints de coisas da internet que a gente achou, na época, e a gente usava isso na peça, né? Tipo: “Olha só, esse...” Isso é o... isso é o... é a divulgação do cristão. A gente assumia essa postura, sabe assim? Eu sou ateu e, no elenco, tinha um cara que era cristão, é... e a gente, tipo, assumia, assim. “Eu quero falar disso. Eu... eu quero apontar o dedo na cara do cristão e dizer: ‘Você... se Deus existisse, você não entrava’. Eu quero, sabe?”

Orador D: Adorei. Já... já pegar a frase agora.

Orador E: É. E aí... e ele falava: “Ok, vamos, vamos assumir isso”. Então, eu acho que hoje talvez o espetáculo não conseguisse. Ele incomodava, mas a gente, no fim das contas, jogava na conta do... do Governo mesmo, sabe assim? É porque em dois mil e treze... por isso que eu pensei em dois mil e dezesseis, porque a gente... olha só como é louco. A gente escreveu o espetáculo em dois mil e catorze, mas a gente só recebeu o dinheiro pra conseguir começar a montar em dois mil e dezesseis. Então, até isso deu uma raiva pelo seguinte: o espetáculo era pra falar sobre os cinquenta anos da Ditadura. Mas já... a gente já estava em cinquenta e dois anos. E o orçamento, a gente teve que pagar todo mundo que era contratado com uma defasagem de dois anos de orçamento, de inflação. Então, assim, a gente entrava no palco pra falar sobre esse sistema com muito mais embasamento. Muito mais raiva. Até o teatro que eu orcei, há dois anos atrás, eu não posso mexer porque é um orçamento público, então o dinheiro não podia mexe. Eu falei pra ele: “Ó, eu... eu programei te pagar, mas o Governo pegou metade do dinheiro, fugiu, trocou o Governador, depois trocou, não liberou. Já passou dois anos e eu só tenho essa verba pra pagar. Eu não posso tirar de outro lugar”. E aí... e aí são verbas altas, não dava pra cobrir. A gente até cobriu, a gente tomou um prejuízo enorme. Mas aí é um outro programa pra falar sobre esse prejuízo, é um outro programa.

Orador C: Mas é engraçado que o espetáculo acabou sendo meta... sendo metalinguístico.

Orador E: É, é. Ficou...

Orador C: A gente tá falando até sobre ele mesmo, né? Da própria criação.

Orador D: E contextual, né? E contextual pelo que o Reinecken tá [falando].

Orador E: Exato. Total, total. A gente usava um... um texto do Kurt Vonnegut que é o Matadouro Número Cinco. E ele no... no livro, uma das primeiras coisas que ele coloca na capa,, na... no prefácio do livro é: “Esse livro é sobre isso, assim, ele vai começar assim e vai terminar assado”. Ele conta a história de [não sei o quê]. Tipo, essa coisa meio shakespeariana de contar toda a história antes de começar, de fato, a contar.

Orador C: Ah.

Orador E: E a gente assumia. Tipo: “Ó, aqui são histórias reais que aconteceram com a gente. Todos os prints e todas as coisas que vocês viram, as falas...” Tinha uma cena que era uma discussão dentro de uma sala de professores. Então, você imagina. Vocês aí á trabalharam como professores, né?

Orador G: Sim, trabalhei. Trabalhei muito tempo em escola infantil.

Orador E: É, então. A gente, é... a gente sentou numa sala de professores no... no horário do recreio. E aí você fica ouvindo aquela conversa, né, dos pedagogos, dos... dos... dos professores, né? Dos tios e das tias, dos coordenadores de escola. Todo aquele ódio e preconceito destilado que parece que não existe, mas tá lá. E a gente pegou realmente histórias que a gente viveu dentro dessa sala. E aí a gente não potencializou, na verdade. A gente botou, sabe? E muitos professores ficavam ofendidos, falava: “Olha, eu acho que vocês retrataram os professores de uma maneira muito cruel”. E aí eu... a gente... no debate, a gente falava: “Olha, eu sou professor. Eu tava ontem na sala dos professores e, cara, eu acho que é bem acurado”.

Orador G: Uau.

Orador E: Sabe assim? A gente... é isso, assim. Era bem... era bem interessante, porque ele era bonito, tinha um que romântico também, mas ele era bem rock n’ roll, assim, no final, sabe?

Orador F: Eu quero fazer um comentário, mas acho que nem vai entrar no episódio. Mas essa questão da... da sala dos professores, né? Eu tendo ouvido o espetáculo e... e tendo vivenciado tanto... acho que... até como o Rafa em... né? Trabalhando como psicólogo dentro de uma escola, ou também trabalhando como professor hoje, atualmente, a gente percebe muita semelhança da... dos tipos de diálogos que existem ali, dos que a gente ouviu nessas salas.

Orador E: É, porque era uma coisa que incomodava quando você escuta...

Orador F: É.

Orador E: ...um professor, às vezes pedagogo, trinta anos de carreira. Aí o cara fala: “Ah, tem que deixar, cada aluno sabe das suas necessidades. É uma opção que ele tem”. A gente ficava: “Não, cara. Dois mil e dezenove você ainda tá falando em opção? Pelo amor de Deus”. Sabe? E aí isso é uma coisa que foi ficando muito grande em todo mundo durante o elenco todo. E, assim, a produção, o produtor, o iluminador, o cara que gravou o áudio com a gente, o engenheiro de áudio que era o Pitanga, maravilhoso, que a gente fez todo... tem uma cena que é toda em preto. A gente botava só áudio. E pro Podcast não faz diferença nenhuma, você vai ouvir só o áudio mesmo. Só que no... no teatro, a gente apagava todas as luzes. E aí saía tudo do palco, ficava tudo no breu total e a gente dava play em catorze minutos de... de... de áudio, acho, dez minutos, sei lá quanto. De minuto de áudio que era uma cena baseada no... no Mil Novecentos e Oitenta e Quatro do George Orwell. A cena da tortura.

Orador C: Ah, sim.

Orador E: Aí a gente regravou, cara, barulho de carne quebrando, osso quebrando, dente, broca. Eu gravei uma cena de eu chorando, desesperado e batendo e tal. E foi uma gravação, assim, a gente levou umas duas, três semanas pra gravar todos os áudios.

Orador C: Uhum.

Orador E: E eu lembro que eu fiquei muito machucado, cara, porque enfiava a cara dentro da água, tapa na cara pra poder gravar com tudo muito... muito próximo da realidade, sabe? Pra ficar muito real, assim. E aí eu chamei um engenheiro de áudio pra me dar uma ajuda violenta pro som. E ficou, cara, ficou, assim... era... era impactante. Era uma cena só de áudio no teatro. E essa cena, a gente depois postou no... no... no Trabalhado de Mesa quando a gente fez um ano, eu acho. E depois, a gente resolveu postar a peça toda, né?

Orador C: É. Nossa, eu... eu acho muito interessante, é... essa proposta de vocês e a proposta do Inconscientemente, até pra gente pensar, apesar de... do feedback do... que o Reinecken recebeu em relação a como as pessoas recebem o conteúdo e o conteúdo científico, principalmente, tudo isso que vai mobilizar nas pessoas. Mas eu queria saber, assim, de cada um de vocês como vocês veem esse conteúdo científico ou como as pessoas que participaram ou viram os espetáculos, eles apreendem esses conteúdos? Que tão... tão imbuídos ou que... né? Perpassam produto artístico?

Orador E: Eu tô aqui meio... meio fora da... da... da curva aqui, né? Porque eu não tenho nenhuma formação acadêmica científica, né? Nenhuma formação... agora, talvez um pouco, assim, mas a minha formação é como ator. Eu estudei, é... Artes Cênicas e Licenciatura em Artes Cênicas. E agora estudei... tô indo pra minha segunda faculdade de Cinema aqui,

Orador C: Mas isso é uma formação científica, né? Acadêmica.

Orador E: É, é. Uma formação acadêmica, mas, assim, o foco da... do teatro mesmo, principalmente a minha formação específica, ela era numa época, lá em mil novecentos e noventa e sete, noventa e poucos, noventa e tantos, ela era... o grupo de teatro que eu me

envolvia no momento também, eles eram muito haribô, era muito, assim, muito... sabe? O pessoal da ciranda, o pessoal do... sabe? Era o pessoal da esquerda que faz a... as... as cirandas, as coisas. Era esse grupo aí. Eu cresci com essa galera, sabe assim? Então, as divulgações... eu sempre me senti um peixe fora da água lá também porque eu falava de coisas, da distância da Lua pra Terra e todo mundo: “Ah, até parece”, sabe? Falava: “Ai, esse negócio... homeo... homeo... homeopatia não funciona. Tem o mesmo efeito que o placebo”. “Ah, até parece. Com a minha tia funcionou”. “Assim, mas funcionou com a sua tia não significa que é verdade”. Sabe? E aí ficava essas... essas discussões, assim. E eu sempre falei: “Ó, cara, eu não tenho embasamento nenhum, eu só escuto vários Podcasts de ciência. Sigo um que eu sou fã absoluto que é o Dragões. E eu meio que tô entendendo, assim”. E a... e o respeito que o Dragões têm com esses conteúdos também, de tipo também não se categórica absoluto e ser de conversar e explicar, né? O que é que tá sendo provado, o que é que tá sendo discutido. Eu não encontrava esse... esse outro lado, sabe? Eu vivia em dois mundos. Então, quando a gente montou esse espetáculo, a minha vontade pessoal, do grupo e como diretor do espetáculo era... era justamente aproximar o público desse conhecimento, assim, sabe? Tanto que eu peguei o conteúdo do Dragões, eu botava nos créditos Dragões, o programa tem o Dragões, o site dos Dragões. Eu falava: “Gente, a gente precisa...” E, na época, eu tava dando aula no ensino médio e eu passei várias provas pros meus alunos pra fazerem de programas. Então, se você tá ouvindo agora, a culpa foi minha mesmo. Na verdade, a culpa é deles, né? Porque vários alunos tiveram que fazer provas sobre conteúdos da Dragões. E eu... eu realmente quis fazer isso, sabe? Só que eu sentia... eu sentia que como o espetáculo era meio rock n’ roll e muito debochado, era muito mesmo debochado, assim, eu sentia que as pessoas não tinham uma... eu não... não sentia efetivo, sabe? Eu sentia que as pessoas se fechavam, porque a gente criticava, por exemplo, astrologia. Né? A gente tinha uma cena que criticava astrologia, fazia chacota com astrologia. Não é que fazia chacota com astrologia. A gente fazia uma cena que uma pessoa fazia chacota com a outra porque o argumento dela era baseado em astrologia, era tipo isso. Mas era uma coisa bem feita, assim, sabe? Eu mesmo não escrevi pensando em fazer chacota.

Orador C: Sim.

Orador E: Mas o público leu dessa forma muitas vezes, né? E aí eu também não mudei, porque eu também não me importava, porque eu também, nessa postura de artista, não tava preocupado com divulgação científica. Essa função tem o Podcast do Dragões de Garagem, tem que se preocupar com divulgação científica. Eu tô preocupado em fazer arte, né? Tipo, pagar as contas e viver de arte. A minha preocupação é essa. Eu também não quero fazer um desserviço. Então, eu... eu fiquei muito nesse limbo, assim. Eu não sabia até que ponto a minha comunicação era efetiva porque o público ficou, é... contra o conhecimento científico dentro do espetáculo. Mas eu também tomei cuidado pra colocar essas coisas científicas [sobre a divulgação] bem no início do espetáculo. E aí as... as partes emocionais, mais pancadaria e putaria, loucura, tal, que vai mais pro final, aí o povo relaxava e terminava gostando, sabe? O feedback era que eles gostavam do espetáculo, talvez não gostasse da primeira cena. Era tipo assim, né?

Orador G: A nossa preocupação, a princípio, quando a gente bolou o Inconscientemente era a

ideia de que se a pessoa fosse lá no sábado dela, à noite, e quisesse uma peça pra, ãhn... como forma de entretenimento, ela ia encontrar. Então, não seria uma peça cabeça, porque acho que eu e o Beto, a gente nem tem a qualidade pra escrever um texto com esse... com esse peso dramático, né? Então, a gente achou que um... um texto que falasse sobre as questões da psicologia, ãhn... e que fosse amarrado num roteiro leve, que tivesse uma questão com o bom humor que nem a gente sempre fala, porque eu e o Beto, a gente é bastante fã de comédia de improviso e... então, essa é mais a nossa linguagem mesmo, a gente achou que seria ideal. Ainda assim, a gente tem uma preocupação que a pessoa saia de lá minimamente cutucada. Se ela vai aceitar o cutucão do tipo: “E aí, gente? Depois dessa peça toda, a gente ainda acredita em livre arbítrio?” E... e... e a gente não faz essa pergunta, é... assim, abertamente. Não é uma pergunta colocada, né, em... em texto, né, em fala em nenhum momento a longo da peça, mas a... a... as pessoas acabam falando: “Ei, pera aí, pera aí. Se eu tivesse sido chamado ao palco naquele experimento, eu teria feito exatamente a mesma coisa?” Não, não é possível porque eu sou muito diferente das outras pessoas, e não porque sou só eu, mas porque todo mundo é diferente de todo mundo. Então, aí a gente entra bem no... do assunto que é legal da psicologia que é uma questão de quanto que a gente pode generalizar o comportamento humano. E é uma... é... é... é bem básico da psicologia essa indicação, porque você fala: “Acho que todos nós temos algo mais em comum do que temos de diferente”.

Orador C: Uhum.

Orador G: Então, a... a partir daí que o conteúdo da psicologia começa a... a entrar nas discussões. Então, a gente sabe de histórias de pessoas que saíram do Inconscientemente e, às vezes, contou diretamente pra gente ou... ou algum tempo depois, postam em rede social e falam: “Gente, saí da peça meio mexido, mas quando sentei pra jantar com as pessoas que tinham ido... ido assistir comigo, o papo ficou tão louco que começou uma coisa tipo: ‘É tudo mágica’. ‘Não, não, não. Não é mágica. É tudo psicologia’. ‘Não, não, não. É meio mágica, meio psicologia. E que essa discussão, é... é.. engrandece a peça, sabe? Tem, é... a gente tá muito satisfeito quando aparece esse tipo de depoimento que é meio... “Não, o quê que você acha que seria o truque?” “Não, mas [foi] truque que eles fizeram?” “Não, e o quê que você acha que é possível fazer na vida real?” “Não, deixa eu tentar, deixa eu tentar aqui uma coisa”. Então, nesse sentido que a gente quis trazer essa coisa da divulgação científica que é como pensar seres humanos. Então, nem todo mundo sai de lá, ãhn... disposto a isso, até porque tem muita gente que fala: “Ah, não, [adorei] a peça, é muito engraçada”. E tudo bem, você foi pelo aspecto da comédia e você se encantou por isso. E... e... e é várias. É... é uma... é uma faceta da... da peça que é... que faz parte da proposta. Mas eu diria... você perguntou, né? Qual é o... quantos... quantas... como é que a plateia responde? Eu acho que a maioria vai pelo lado do entretenimento e sai com uma pulguinha atrás da orelha, mas que depois de dois dias de pensar, a pessoa nem fuça mais sobre isso na internet, sabe? Livre arbítrio, ainda por cima, num país, né, como o Brasil, é um assunto ainda bem tabu e que não se presta discussão, eu acho, muito na... na... assim, numa mesa de almoço com a sua tia e com... as pessoas falam: “E aí, gente? O que vocês acham de livre arbítrio?” É. É... então, então, assim, acho que é... por um lado uma pena que a gente tenha essa... essa abertura pra conversar sobre esses assuntos que tão... são tão importantes, tão interessantes, na verdade, pelo menos

pra mim. Acho que aí também tô falando de um psicólogo, né? Então... que isso é... é algo que eu busquei estudar porque tem algo que eu gosto muito aí nessa pergunta. Mas... então eu diria que a maioria das pessoas sai cutucadas e tipo: “Nossa, isso foi real?” Ou, é... “Isso é possível acontecer na vida real mesmo? Fora do palco? Ou não?” Mas... pras... pra pequena parcela que sai de lá e vai escutar um... um Podcast sobre psicologia ou vai ler um livro do Sam Harrison sobre livre arbítrio, sabe? E começa a descobrir, assim, é... é... quem é que tá pensando, quem é que tá... né? No... no... na vanguarda da psicologia hoje, pensando esse aspecto, esse... esse assunto do ponto de vista neurocientífico? Ou pega antes os grandes filósofos que discursaram sobre isso e quantas formas diferentes da... você consegue interpretar esse assunto. Aí eu acho que o nosso trabalho foi mais do que... mais do que bem feito, assim. Pra essas pessoas, assim, eu... a... a... aí a gente entregou o pacote completo, sabe? Mas a gente não tem a pretensão de fazer isso com todo mundo, até porque as pessoas são mesmo diferentes e a gente não consegue acertar com todo mundo igual.

Orador E: Adorei, cara, mas fico imaginando um jantar de família de domingo, assim. “Quê que você tá achando, cara, do preço da gasolina?” “Ah, absurdo e tal”. “E do livre arbítrio?” “E do livre arbítrio, o quê que você acha?” “Você torce pra que time?” “Ah, eu torço pro Palmeiras”. “Mas você teve escolha de torcer pelo Palmeiras?”

Orador G: Adorei. Essas... essas discussões da psicologia, ãhn... aparecem pouco ainda na... e quando aparecem, são meio que achismos, né? As pessoas se sentem como... todo mundo vive a psicologia subjetivamente, né? Eu sei sobre mim e a... as... as pessoas acham que podem discursar sobre psicologia a partir da própria experiência.

Orador C: Ah, sim.

Orador G: E é interessante, é um ponto de vista. Mas, quando a gente começa a... né, se embrenhar nesses assuntos e nessas discussões de psicologia com outros vieses e com outras... outros olhares, é... a gente enriquece a discussão. E eu torço pra que as pessoas, cada vez mais, discutam a psicologia com evidências e a partir do.. do que as pesquisas tão apontando pra gente. E vejam isso de uma forma bonita. Acho que é... é... aí essa ponte entre a ciência e a arte, né? Conseguir tornar a ciência bonita e... e... e... e criar esses... esse senso de... como que chama isso? De deslumbramento mesmo, né? Quando você olha um... uma apresentação bem feita no Planetário e você pode se sentir totalmente, é... pequenininho, mas de um jeito bom, sabe? Eu pertença a tudo isso, eu sou nada, mas é um nada bonito de se sentir, sabe? Eu acho que a psicologia também é capaz de fazer isso com as pessoas. E a gente torce pra que a peça contribua com isso.

Orador C: Bom, pessoal, acho que a gente tá se encaminhando para o final agora. Eu ia só comentar aqui, a ideia é a gente discutir essas questões de como... de se é possível, como que a gente pode trazer um pouquinho de conteúdo científico, né, pra materiais artísticos, principalmente dentro de espetáculos de teatro. Veio também como uma inspiração do... do Luiz Bento aqui do... aqui da casa do Dragões de Garagem que ele trouxe alguns artigos e a gente discutiu. Vou deixar um deles na postagem pra vocês poderem ler, quem tiver interesse. Queria saber, assim, considerações finais de cada um de vocês. A gente pode começar agora

pelo Rafa, eu acho.

Orador G: Obrigado pela oportunidade de falar não só da peça que a gente tem com muito carinho, né? E tá dando certo. A gente começou pra fazer quatro apresentações meio: “Vem, mãe, vem, tio, vem assistir o que a gente escreveu E, de repente, a gente tá há um ano e... né? Um ano e três meses já em cartaz direto com cada vez mais parceiros. E contar o.. né, o Podcast de vocês como parceiro nessa divulgação e como interessados na... na causa. É... mais do que um prazer, é uma honra mesmo. Eu tô muito feliz mesmo por vocês tarem aqui entrevistando a gente e conversando sobre assuntos que são muito caros pra mim. Caros no sentido de queridos e não de...

Orador C: A gente que agradece, mas eu vou deixar os meus agradecimentos mais pro final. E o Reinecken, então?

Orador E: Eu acho muito interessante toda essa conversa. É... eu sempre faço muitas... falo muito, né, cara? Eu fico visando a falar e falo demais. Espero não ter atrapalhado tanto, né, porque eu fiquei muito feliz em... em conhecer vocês, esse espetáculo que eu já vinha ouvindo falar. Fico felicíssimo de ver esse tipo de iniciativa, né? Que mistura aí, tenta trazer um pouco da divulgação científica pra dentro do teatro. É uma coisa que eu acho maravilhoso. E, principalmente, eu até queria fazer um apelo, cara, pras pessoas que estão nos ouvindo. Eu tenho feito esse movimento dentro do meu grupo, dentro do nosso Trabalho de Mesa, o nosso Podcast, que é a gente precisa, é... incentivar e divulgar mais as coisas positivas dos produtos artísticos. Eu tenho sentido que existe na internet um grande movimento de review de filmes, principalmente, que sempre falam dos... das coisas ruins que o produto tem. E, no atual momento que o Brasil tá vivendo, em que a gente teve já a extinção do Ministério da Cultura, já teve gente questionando as leis do audiovisual e mudou a lei do audiovisual. Talvez o audiovisual brasileiro perca as pernas de um jeito que ele vai demorar muitos anos pra se recuperar, eu acho que quanto mais as pessoas aprenderem a discutirem m produto artístico pelo viés positivo do que o que o produto artístico tem a oferecer e não só uma crítica destrutiva, melhor, sabe assim? Todo espetáculo, todo filme, toda obra, toda música tem pontos negativos, né? Você pode avaliar criticamente. É isso que o crítico deveria fazer. Só que eu acho que quem tá se prestando a mais tempo a falar do produto artístico, gosta mais do click baite de falar mal, sabe? E eu tenho sentido que, neste momento do Brasil de dois mil e dezenove, é um pouco perigoso pro preço que a gente vai pagar por bater tanto na arte, sabe? É... eu tô um pouco preocupado. Então, eu tenho feito movimento de, tipo, mesmo que é ruim, mesmo que você queira falar do Shallow Now, que é ruim e que é zoado, mas tem coisas legais também aqui atrás, sabe? Tem gente trabalhando, tem gente pagando as suas contas e vivendo de arte, tem um tanto, sabe? Então, é tentar ver um pouco além do que só o click baite, assim. É analisar de uma forma um pouco mais madura e menos menino reclamando.

Orador G: Nossa, que ótimo. Nossa. Eu posso repetir os meus encerramentos e fazer... falar exatamente... meu, perfeito. Nossa, concordo completamente com o que você falou. Que... que mensagem bonita. Muito obrigado. Precisava ouvir isso hoje. Valeu mesmo.

Orador E: Muito obrigado.

Orador C: Natália.

Orador H: Nossa. Então, só tenho a agradecer pelo... pelo episódio. E, na verdade, eu acho que eu vou deixar um link aí. É... acho que ele é historiador, ele é... é professor. Não... não me lembro, de línguas, acho, chama, é... [Copolla]. E aí ele fala, assim, sobre a ciência e as controvérsias das ciências, é... perante a sociedade. Ele volta ao século dezessete, tal, ãhn... pra falar como é a representação, né, dos cientistas, né, no teatro e tal da época, influenciou numa coisa meio que Big Bang Theory, assim. É... a maneira caricatural que... estereotipada, né? Que as pessoas, o público vê o cientista e tal. E ele traz um histórico bem legal. Eu sei que tem um livro sobre isso, mas tem um artigo meio que resumindo. E... e enfim, pra dar mais informação pra galera aí pra gente repensar coisa que a gente toma como natural e a nossa relação com a ciência e a própria ideia do cientista como um personagem, assim, né? Socialmente, é... que as pessoas imaginam que o que se faz, né? A própria ideia do jaleco que eu sou uma cientista que não usa jaleco, que não... enfim, que não usa vários materiais e... e... e, por isso, eu sou bastante desconstruída como cientista socialmente. É... então que... enfim. A ideia de que o cientista acabou tentando gerar uma ideia, assim, de espetáculo pra atrair o público. E eu acho isso uma opção bem bacana pra gente fazer depois de ouvir esse episódio. Aí o link vai ficar aí pra vocês.

Orador C: Eu só tenho a agradecer também por essas discussões tão interessantes, tão aprofundadas de algo que eu sou apaixonado, acho que desde criança, que é... é essa relação com... com o assistir teatro, ver essas... esse tipo de apresentação. Eu sou, assim, muito empolgado em... em querer consumir tanto o Inconscientemente quanto o Máquina que Matava Fascistas. Espero que um dia ele volte até para os palcos. Tenho essa esperança. Porque... e tá aqui conversando com vocês, eu acho que é... é muito legal, assim, ver como esse processo se constrói, como ele aconteceu e como, ãhn... a gente pode tá discutindo ou trazendo, né, pro palco algumas coisas relacionadas a conteúdos científicos. É... mesmo que... mesmo que ele faça só essa pulga, né, atrás da orelha das pessoas e que, não necessariamente, ele vá se resumir depois a pessoa realmente conhecer ou buscar tanto informação sobre. Mas só o fato de ela ter tido esse contato, eu acho que é uma possibilidade que entra dentro do... do produto do artístico que, muitas vezes, quando a gente tá fazendo divulgação científica, aqui... inclusive aqui no Podcast, ele vai alcançar... e a gente tem muito essa... essa preocupação, muitas vezes, que ele vai alcançar só aquelas pessoas que já... já tão convertidas, né? Já querem ouvir sobre ciência. E, às vezes, estar nesses outros espaços é o que vai também permitir que pessoa... uma ou outra pessoa olhe pra aquilo e fique pensando: “Ah, será que eu consigo buscar alguma mais sobre isso? Será que existe algo a mais, é... que eu poderia fazer?” E aí, nesse sentido, eu tenho só, né... eu queria agradecer muito a disponibilidade de todos, tanto do Reinecken quanto do Beto e do Rafa de estarem aqui pra conversar com a gente, falarem um pouquinho sobre as suas obras, né? Sobre as suas... os seus espetáculos. E espero que tenha tocado também na... nos nossos ouvintes em conhecer um pouquinho mais sobre esse outro universo, né? Que é a produção artística e o espetáculo de teatro e essas outras características.

Orador G: Obrigado.

Orador E: Valeu, valeu.

...

Fim da Transcrição 01:49:00